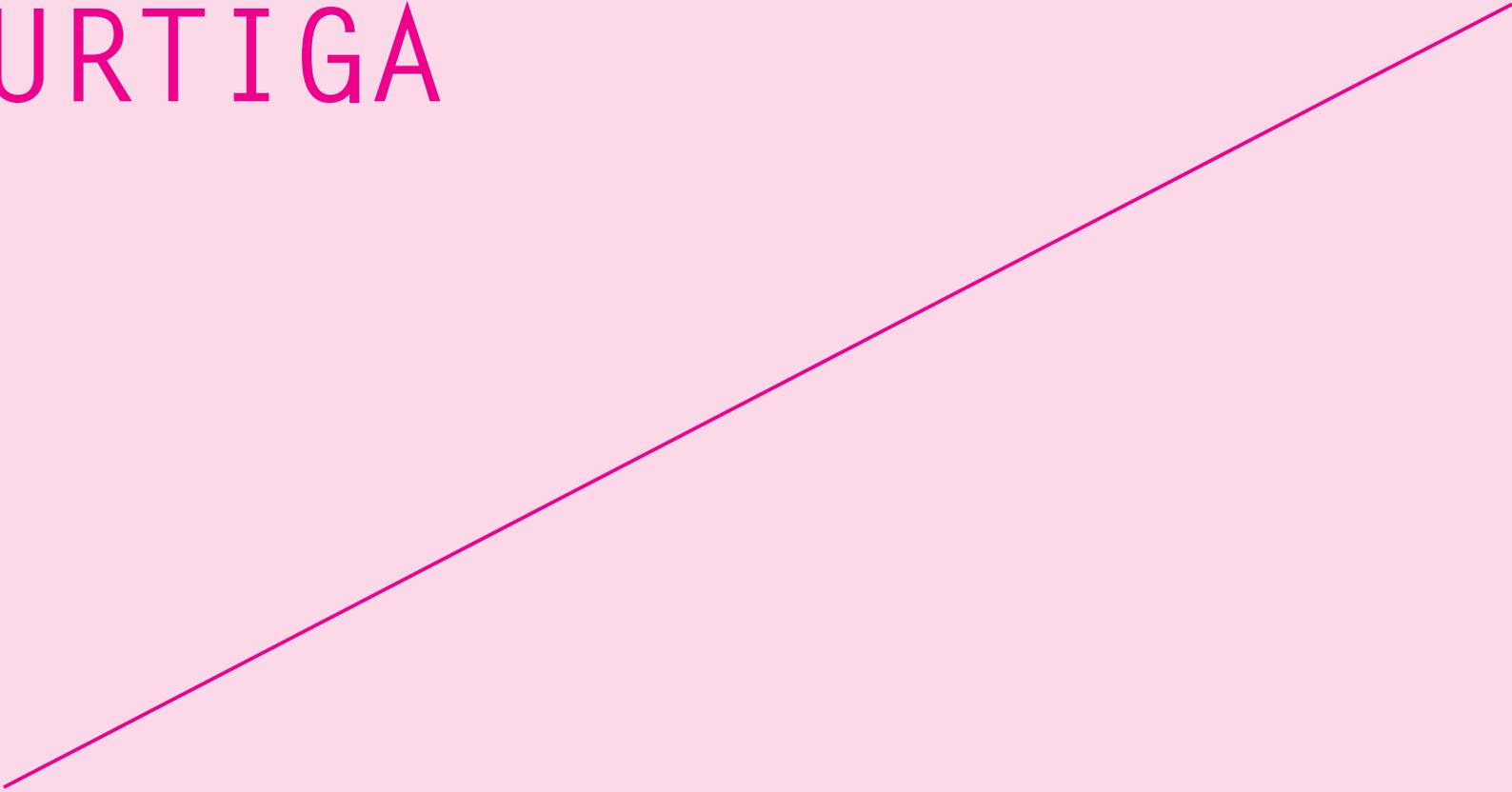


# URTIGA



1ª edição. verão 2017

amanda pietra | larissa brainer | priscila santos | olho.cooletivo  
michael phillips, rachael carter e fraiser macfarlane | clara nogueira  
daniel valença | makeda smenk-ka-ra | pedro guedes | natália lacerda  
iale camboim | ricardo brasileiro | annaline curado | marcela lins  
marcus maia | bianca jo silva & silvia mikami

A URTIGA pode ser um grito  
A URTIGA pode ser uma canção  
A URTIGA pode ser um haikai  
A URTIGA pode pinicar  
A URTIGA pode ser uma revista  
A URTIGA pode ser um desarranjo  
A URTIGA pode ser uma planta  
A URTIGA pode ser mídia  
A URTIGA pode desmontar  
A URTIGA pode ser uma febre  
A URTIGA pode sarar  
A URTIGA pode inventar  
A URTIGA pode ser quintal  
A URTIGA pode ser um rasgo  
A URTIGA pode ser um bordado  
A URTIGA pode ser rio  
A URTIGA pode virar lambe  
A URTIGA pode ser uma linha de ônibus  
A URTIGA pode verticalizar  
A URTIGA pode aperrear  
A URTIGA pode ser de áries  
A URTIGA pode ser um carro  
A URTIGA pode ser folha que cai  
A URTIGA pode desaprender  
A URTIGA pode ser sensitiva  
A URTIGA pode ser indígena  
A URTIGA pode ser romântica  
A URTIGA pode ser corpo  
A URTIGA pode ser praça  
A URTIGA pode ser líquida  
A URTIGA pode ser apocalíptica  
A URTIGA pode descolonizar  
A URTIGA pode engarrafar  
A URTIGA pode ser um papel-rascunho  
A URTIGA pode ser cimento  
A URTIGA pode ser um homem branco  
A URTIGA pode jogar bola  
A URTIGA pode ser rua  
A URTIGA pode morar na rua  
A URTIGA pode andar de pés  
A URTIGA podem ser folhas que caem  
A URTIGA pode ser apenas folhas  
A URTIGA pode ser brega  
A URTIGA pode ser  
A URTIGA pode ser gringa  
A URTIGA pode se despedaçar  
A URTIGA pode ser praça  
A URTIGA pode ser acadêmica

1ª edição. verão 2017

#### REALIZAÇÃO

INCITI/UFPE - Pesquisa e Inovação para as Cidades  
*Rua do Bom Jesus, 191. Bairro do Recife.*  
*Recife - PE, Brasil. CEP: 50-030-170*

#### CURADORIA/MENTORIA

Caio Scheidegger, Circe Monteiro, Djair Falcão,  
Natan Nigro, Raquel Meneses & Rodrigo Édipo

#### DIREÇÃO EDITORIAL

Bruna Roazzi, Renata Paes & Rodrigo Édipo

#### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Bruna Roazzi & Renata Paes

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional



# IDENTIDADE DE CORES

Resistência. Graduanda da Universidade Católica de Pernambuco em Fotografia.

[amandapietra@outlook.com](mailto:amandapietra@outlook.com)  
[www.amandapietra.com/](http://www.amandapietra.com/)

O trabalho é uma janela para mulheres reais, que precisam ser vistas e reconhecidas como elas são para a sua existência plena. A cidade é plural, tem que ser de todas e de todos. Sustentabilidade não é só o verde, mas a (re) existência plena e resistência daquelas que vivem nela, seus corpos, seus sonhos, suas lutas com o ambiente construído (o lado antropizado) e com o ambiente natural, com a biodiversidade e a natureza que são resilientes como essas mulheres. A policromia da obra reflete a diversidade feminina, em todas as suas emoções e formas. O projeto Identidade de Cores surgiu de uma inquietação acerca do existir como mulher. Em cada cor uma sequência de imagens vai moldando o projeto, dando evidência a assuntos pouco masturbados pela sociedade.

## Rosa-Bulimia

Vomitare. O que mais retrata uma mulher se não os padrões de feminilidade impostos? Além de tudo o que nos fazem engolir, diariamente socar em nossa boca, exigem que nós nos prostremos em dor. O primeiro ensaio veio com o tema Bulimia, retratando não só a patologia em si. A cor rosa tem da ironia do delicado em meio ao eufemismo do vomitar, traz na sequência o sentido de lidar com os padrões estabelecidos, danificar o próprio corpo em função dele, regurgitar o engasgado. É um ciclo, começa com comida e termina em comida, a banana traz o sentido de sociedade fálica.

## Sapatão-Roxo

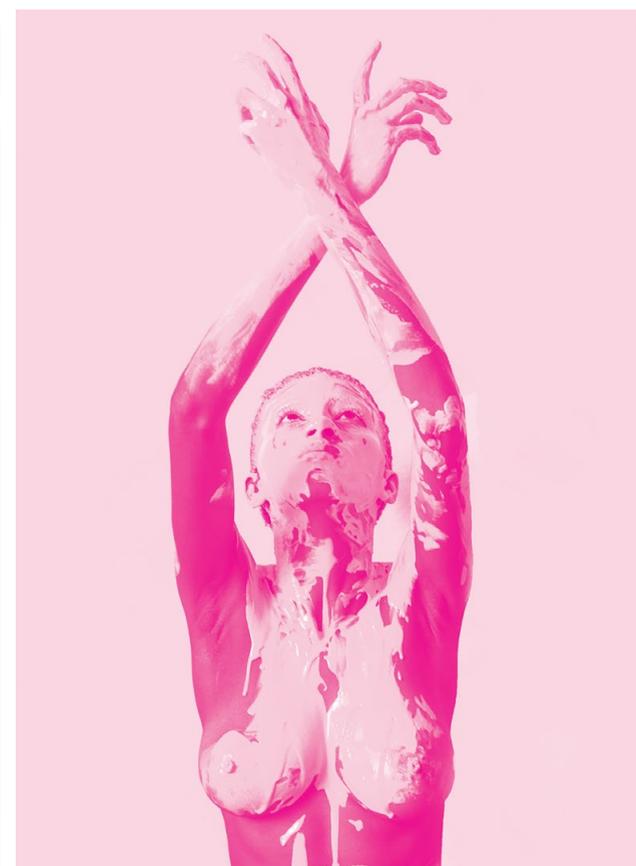
Invisibilidade, do Latim INVISIBILIS, o que não pode ser visto. Resistência é se orgulhar daquilo que nos impõem como vergonha. Fetichizadas, violentadas, oprimidas... Falar sobre o vigésimo ano da visibilidade lésbica é a forma de tornar visível um grito silencioso e abafado de todas nós. Sim, eu sou lésbica. E se tentam nos apagar, trago esses corpos em glitter que se entrelaçam e com cores distintas se unem, surge o roxo que representa a nossa resistência.

## Azul-Racismo

O azul, cor primária, é trazido para o ensaio como metáfora sobre a sociedade. Ele escorre por um corpo negro, cobrindo todo e qualquer espaço que evidenciasse o marrom da pele, na intenção de fazer homogêneo aquele corpo agora sem identidade. É a morena, mulata... sexualizada e embranquecida, para se adequar. O azul foi escolhido por pertencer à classe primária e ser o único, dentre amarelo e vermelho, que ao misturar com preto não gera o marrom. Dessa forma, não há espaço para o preto em sua cultura elitista e racista.

## Vermelho-Menstruação

Nós não menstruamos apenas pela buceta, transbordamos por todo o corpo. O ensaio traz no nome - claro, explícito e tantas vezes dito com vergonha - "Menstruação". Em crítica ao enaltecimento do gozo, líquido branco, faz-se nulo a menstruação como parte da sexualidade feminina, trata-se do líquido vermelho como sujo. É a mulher em ciclo com a lua. Como uma cobra, se desfaz da pele para se renovar. Como um cálice, transborda quando cheio. Como uma hemorragia, torna-se imortal. A extração através da dor comporta em nossas vivências um corpo que se expande. ▲





# O que um campinho de futebol público pode nos ensinar sobre questões de gênero?

Jornalista, ativista do futebol feminino e da representatividade da mulher nos espaços esportivos e coordenadora de comunicação da organização social love.futebol.

larissabrainner@gmail.com

Começa com a busca de um lugar para jogar.

Estávamos em grupo, sete ou oito mulheres. Tênis e chuteiras nos pés, camisetas dos times do coração no corpo e bola debaixo do braço. Uma semana antes, tínhamos marcado a primeira pelada juntas, por um grupo no Whatsapp. Nem todas se conheciam. Uma amiga adicionou a outra e formamos o grupo, que tinha um único foco: jogar futebol regularmente, por lazer. Escolhemos um lugar de uso público porque não queríamos ter custos fixos naquele início.

Chegamos à quadra da Rua da Aurora, no Centro do Recife, por volta das 19h, de uma quarta-feira. O espaço estava ocupado por uma partida de futebol masculino. Havia cerca de 20 homens. Checamos com alguns a que horas terminava. Enquanto aguardávamos, montamos barrinha no estacionamento do lado da quadra, onde marcamos os primeiros gols. Esperamos por algumas horas, até perguntarmos novamente, quando recebemos respostas irônicas e desdém. Demorou até finalmente termos nossa chance e o adiantado do horário restringiu o nosso tempo de jogo.

Na semana seguinte, voltamos à Aurora em um dia diferente, na tentativa de encontrar o espaço livre. Mas o que nos esperava era uma nova disputa. Outro grupo masculino forçava seu jogo em vez do nosso, mesmo o nosso grupo tendo chegado antes à quadra. “Nós temos mais direito que vocês. É questão de hierarquia”, nos foi dito. Travou-se a batalha. Depois de longa discussão, ironias e “piadas” objetificadoras, eles cederam.

A partir desse episódio, nosso grupo investiu em mobilização e organização coletiva para ocupar a quadra e garantir o espaço no dia escolhido. Semana após semana, articulamos nossos encontros via redes sociais e convidamos mais mulheres para ampliar o número de participantes e sentir mais segurança na manutenção da pelada.

Isso aconteceu há um ano e meio. Com o tempo, a pelada ganhou nome: Aurora F.C., [www.instagram.com/aurorafcrecife](http://www.instagram.com/aurorafcrecife) revelando certo senso de pertencimento resultante da articulação coletiva para garantir um direito que não veio sem enfrentamento. A ocupação e a resistência à tentativa de afastamento do espaço público fortaleceram o grupo que, desde então, semanalmente, joga às segundas-feiras na quadra pública pela qual teve que lutar.

## HIERARQUIA

O que levou o nosso interlocutor a sugerir mais merecimento por parte dos homens à quadra? Quais significados pode ter a “hierarquia” mencionada por ele ao tentar nos interpelar a abrir mão do direito de uso de um campo de futebol público?

A pesquisa “Por onde andam as mulheres? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife<sup>1</sup>”, revela o seguinte dado: 63% das pessoas entrevistadas afirmaram sentir medo de circular pelo centro do Recife. Dessas, 70% são mulheres. “O medo da mulher no espaço público é mais uma expressão do patriarcado. (...) é produto da relação de dominação dos homens sobre as mulheres ainda hoje existente em nossa sociedade”, aponta o estudo.



Um bom exercício pode ser observar as quadras e campos públicos em diversos locais. De maneira geral costumam ser mais ocupados por homens. “O campo de futebol é uma metáfora para o espaço público em geral, onde as mulheres ainda não têm a mesma autonomia e liberdade para navegar que os homens têm”, afirmou Joanna Burigo, mestra em Gênero, Mídia e Cultura e co-fundadora da organização Guerreiras Project, que usa o esporte para debater questões de gênero.

A hierarquia, ou seja, a ordem fundada na priorização do homem e na subordinação da mulher, evocada por nosso oponente, está implícita. É o mecanismo que proporciona o privilégio de certos espaços aos homens; e às mulheres, limita ou mesmo nega o acesso, afetando tanto a relação com a cidade, quanto à prática do futebol, esporte majoritariamente masculino.

## DIREITO À CIDADE, FUTEBOL E RESISTÊNCIA.

Por sua vez, a presença feminina estabelecida na quadra da Rua da Aurora passou a atrair mulheres desconectadas da rede primária que formou o grupo. Moradoras do entorno, interessadas na prática do futebol, se integraram à pelada. Se antes a quase exclusiva presença masculina distanciava mulheres da vivência daquele espaço, a representação fez o interesse pela quadra se manifestar, estabelecendo novos vínculos sociais, gerando apropriação e ressignificação da área, que até então, não era frequentada pela maioria das integrantes do grupo, domiciliadas em áreas distintas da Região Metropolitana do Recife.

Em uma publicação em rede social, uma das jogadoras do Aurora F.C. afirmou: “Segunda é dia de resistência, é dia das mulheres ocuparem os espaços públicos dessa cidade e dizerem que vai ter mulher jogando bola e resistindo sim”. O futebol se tornou, portanto, uma ferramenta político-afetiva de reivindicação. E a persistência no espaço de jogo, um manifesto por direitos iguais ao esporte e à cidade. ▲

1 Dissertação de Mestrado de Lúcia de Andrade Siqueira; Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. 2015.

# A História da Luta por moradia das mulheres negras do Conjunto Habitacional Zeferino Agra

Chamo-me Priscila Santos, sou assistente social, especialista em Gestão Pública em Gênero e Raça, estou prof. Da universidade dos Guararapes (UNIFG), e sou militante das lutas de gênero, raça e habitação. Sou ex sem teto. Para que eu tenha hoje uma moradia digna e adequada, lutei arduamente para conquistar a mesma.

priscilassantos1980@gmail.com

Segundo Saule Júnior e Cardoso (2005) a história de luta das mulheres negras do Conjunto Habitacional Zeferino Agra, tem início na ocupação de Água Fria (Recife/PE), em agosto 2003, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST. Nesta ocupação viviam 160 famílias, que há mais de um ano ocupavam o terreno da Prefeitura do Recife, no qual funcionava uma feira livre, no bairro de Água Fria. Quando uma ocupação é consolidada, se faz o cadastramento dos moradores, e cada um contribui mensalmente com uma quantia pequena para manter homens na vigilância, caso haja uma reintegração de posse, limpeza do local e demais necessidades.

Antes da ocupação, o terreno era um local inseguro, pois servia para assaltos, vendas de drogas e até estupro.

As famílias ocupantes deste terreno moravam em barracos, construídos de papelões, pedaços de madeira, lonas plásticas e demais utensílios. No espaço não existia saneamento básico, abastecimento d'água, ou esgotamento sanitário. A energia elétrica vinha clandestinamente por gambiarras. No meio da ocupação passava um esgoto a céu aberto, o que facilitou a proliferação de doenças, inclusive as crianças e os idosos eram os mais prejudicados. Cada barraco tinha em média 20m².

De acordo com os autores, 90% dos moradores da ocupação de Água Fria viviam abaixo da linha da pobreza, onde quase todos eram subempregados ou viviam do trabalho informal. Suas principais atividades eram: empregadas domésticas, pedreiros, eletricitas, encanadores e flanelinhas. Estando estas famílias nestas condições socioeconômicas, as mulheres acabavam não tendo acesso aos programas de financiamento da Caixa Econômica Federal. Muitas delas pagavam aluguel, o que ao passar do tempo, com o número dos membros da família aumentando, ficava insustentável.

Os representantes da ocupação, lideranças do MTST, diziam que a regra era "ocupou tem que morar", e mesmo com a comunidade com seus problemas de fome e excesso de bebida, as regras eram cumpridas cerca de 80%. A principal reivindicação das famílias que ocuparam este terreno, era a garantia da solução habitacional, ou a consolidação da ocupação, com condições adequadas, e dignas de moradia, ou então que eles fossem reassentados em uma outra área próxima.

Por todos estes motivos, são poucas as ocupações que têm seu direito à moradia de forma pacífica ou tranquila. Os moradores da ocupação de Água Fria, por muitas vezes, foram às ruas com a finalidade de chamar a atenção das autoridades com faixas, cartazes, levando suas crianças, com pão, cuscuz e café dentro de garrafas pets. Andavam quilômetros para dizer aos governantes que estavam ali e queriam o seu direito à moradia digna e adequada que lhes era negada.

As mulheres se reuniam para tentar resolver os problemas existentes na ocupação, como a violência doméstica contra elas. Por várias vezes houve palestras sobre o tema, abrangendo também as temáticas de saúde da mulher, da criança e do idoso.



A luta não era só pelo teto, ou teto pelo teto, mas sim por políticas públicas de qualidade, como: saúde, educação, lazer, trabalho e, acima de tudo, por esperança. Esperança de ter uma vida digna ao qual sabiam que tinham direito. E com esta forma de luta, conseguiram que a Prefeitura do Recife adquirisse o terreno para a construção de suas moradias. Vários direitos eram negados no caso desta ocupação, como a moradia digna e adequada conforme o art. 6º da Constituição Federal.

A situação de moradia em área de risco, sujeita a enchentes e alagamentos, viola o Direito à moradia adequada (2005, pág. 106). Os Planos Diretores trouxeram novas informações aos espaços vazios, e com isto a possível "ocupação" dos mesmos, na tentativa de sanar o déficit habitacional. Em 2001, Recife teve o prédio do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, ocupado, mas não teve continuidade a ocupação. O que demonstrou o quanto os valores da igualdade, da democracia e da justiça social, continuam fazendo falta nesta sociedade. Segundo Bocayuva (2008), o conflito urbano, está marcado por diversos sujeitos sociais das periferias, e dos movimentos sociais que são até hoje, criminalizados.

Essa via subjetiva acontece involuntariamente. As classes populares são pressionadas à ilegalidade, onde a segregação em diversos fatores como: judiciário, econômico, e sócio-espacial são impostas de forma superior. O que se expande, em consumo verticalizado de unidades habitacionais e a explosão de demandas horizontais. Essa crise urbana explode na dissolução e ampliação das metrópoles, em suas diferentes escalas e locais. Na conjuntura de democratização, a disputa sobre a periferia, é uma metáfora e um dilema para o Estado brasileiro de direito. O que reconhece os direitos coletivos e individuais, seguindo o marco institucional e o Estatuto da Cidade. Essa nova desigualdade tem como foco a questão social, o que gera um desajuste, no processo de racionalização, das classes populares. ▲

# [IDENTIFICAÇÃO] PRAÇA DO SEBO

O olho.cooletivo se mistura entre pessoas, forma grupos, propõe projetos, integra contextos, formula discursos, convida ao debate. O olho.indivíduo estimula sensibilidade e senso crítico por lentes pessoais, singulares, através das quais configura seu universo imagético de referências em linguagem e estética.

[olhocooletivo@gmail.com](mailto:olhocooletivo@gmail.com)

## [ Manifesto ]

Uns só passam, transeuntes. Outros param, contempladores. Uns residem, moradores, teto de telha, teto de papelão. Uns trabalham, produtores. Outros consomem, clientes. Uns descansam, outros correm, alguns só estão por ali para ver passar as horas. Todos juntos ocupam um mesmo espaço de cidade, trajetos confluentes por qualquer identificação comum. Antes de se identificarem, trazem memórias, outros contextos. Ao se misturarem, acontecimentos. Ao saírem, deixam história. E o lugar se constrói ou se destrói, com o que dele se faz. Ocupar é ser responsável por aquilo que se ocupa. O projeto [ Identificação ] propõe um retrato de identidade coletivo de quem faz o lugar. Pessoas que se reconhecem e se disponibilizam identificar naquele recorte de cidade. Cada um, na sua individualidade, produzindo para um bem coletivo, dando a ele rosto, humor, hábitos, sabor, cheiros, rotina. Todos produtos e produtores de sua realidade. ▲

## [ Identificação ] Praça do Sebo

Abisael Ferreira, Abraão Fernando Tavares de Lins, Ana Clara, Ana Lúcia, Ana Lúcia, Ana Vera, Andrea da Paz, Andrea Oliveira, Angelica Alves, Carlos Golveia de Gusmão, Carlos Pontes, Catia Sales, Djalma Correia da Silva Filho, Dona Mercês, Edson Alexandre, Edvan, Fernanda Loiola, Geandra Sales, Iara Belo, Iraci Petronilo Lourenço, João Olegário Silva, José Luis, José Manuel da Silva, José Roberto, Josias da Silva, Josué Sales Pereira, Leonilda Daniel, Luis Severino da Silva, Maria Anna, Maria Socorro Moraes de Souza, Nathalia Queiroz, Nathalia Sales, Paul Charles, Sergio Algusto, Severino João e Verenna Areias fazem a Praça do Sebo.

Muito obrigado.



OLHO. COOLETIVO

[IDENTIFICAÇÃO] PRAÇA DO SEBO

URTIÇA - PULLIGAÇÃO COLABORATIVA

JINCITTI.ORG/URTIÇA

# RECIFE FASCINATIONS

Uma designer de interiores e dois arquitetos, Rachael, Frazer e Michael são três amigos australianos que estudaram juntos na universidade. Têm uma paixão por design e compartilham um interesse comum em construir projetos comunitários. Reuniram-se no Recife em julho de 2017 para coordenar uma oficina de design e construção do coletivo Ateliervivo. Cada um tem um relacionamento diferente com a cidade, e assim as observações deles sobre o Recife diferem tanto quanto se alinham.

frazer.macfarlane@gmail.com  
mikephillip@hotmail.com  
rachael.carter8@gmail.com

Somos três australianos cujo interesse comum em design e urbanismo nos trouxe ao Recife. Cada um de nós possui uma relação diferenciada com a cidade, seja como turista, visitante assíduo ou residente permanente. Com conhecimentos distintos do português, acesso limitado a mapas, falta de acesso à internet, um sistema confuso de ônibus e uma cidade despreparada para receber turistas, nós fomos “forçados” às ruas. Por conta disso, quase nunca pegamos o melhor caminho e nos perdemos várias vezes. **Acontece que em uma cidade como Recife, há um certo charme no processo de se chegar ao destino, como as atividades, os cheiros, o calor, as cenas inesperadas, os padrões que se repetem.**

Enquanto designers, somos curiosos a respeito desses padrões da vida cotidiana em uma cidade e cultura que não são as nossas. Ao olhar estrangeiro, esses componentes são misteriosos, surpreendentes e estranhos, o que aumenta o desejo de explorar mais e conhecer melhor a urbe. Descreveremos aqui cenas e objetos que nos fascinam e expressam, naturalmente, algumas preocupações, tais como eficiência, adaptação, otimização e, é claro, resposta ao contexto. Apreciar e reinterpretar esses elementos cotidianos podem ser caminhos para a sustentabilidade social, econômica e ambiental no Recife.

Observar tem menos a ver com a cidade em si e mais com a atitude do observador. Isso fica evidente pelas diferentes fascinações trazidas pelos três pesquisadores estrangeiros, ainda que o background de ambos seja, aparentemente, parecido. Essas inquietações sobre as cidades que não são as nossas, pois elas revelam muito sobre quem somos. O que consideramos charmoso ou intrigante em outro contexto, pode ser o que desejamos para a nossa própria cidade.

## Frazer Macfarlane, turista

Chegar no Recife, como em qualquer outra cidade estrangeira, é no início uma confusão de visões, cheiros, perguntas e meias respostas. Na tentativa de fazer algum sentido acerca do lugar, volta-se ao reduto do treinamento e do que já conheço. Para as áreas são dados rótulos provisórios, “The Dutch-Port-Centre” (Recife Antigo) e “The Fremantle” (Olinda). Surge uma ideia da textura de cada lugar, enquanto os padrões do trânsito e da vida nas ruas são vistos. Há o surpreendente do familiar e do desconhecido. Cayce Pollard, personagem ficcional de William Gibson em reconhecimento de padrões, chama isso de “o mundo espelhar”.

As fascinações se desenvolvem; as superfícies de azulejos e suas variações, as dinâmicas socioeconômicas que dão origem aos jardins murados nas bases dos edifícios de apartamentos. A predominância do concreto, o efeito desse clima particular nos materiais enquanto eles são erodidos, desgastados e reparados. Para mim, Recife é uma cidade de concreto, assim como Perth é uma cidade de aço e Londres uma cidade de tijolos. É uma cidade tropical, com plantas abundantes, raízes explosivas.

O homem ao meu lado no voo 7789 GRU>REC lê Cidades Invisíveis de Italo Calvino, e aquele Marco Polo ficcional sussurra ao meu ouvido, durante toda minha estadia de um mês, que eu apenas irei ver da minha casa um reflexo de espelho rachado, que tudo que verei será apenas uma camada de um lugar cheio de camadas, e que as outras camadas iriam contradizer inteiramente minha experiência, fazendo minhas ideias serem fantasias e mentiras. **E que Recife seria ao mesmo tempo próspero e pobre, mágico e banal, desenvolvido e subdesenvolvido, sustentável e insustentável.**

## Rachael Carter, residente permanente

Vivo no Recife há dois anos e nesse meio tempo me casei com um brasileiro, tive um filho e me tornei quase fluente em português. Com o passar do tempo, várias fascinações que eu tive logo quando cheguei foram enfraquecendo e se tornaram familiares, episódios rotineiros do dia a dia da vida. O que continua a me intrigar são as coisas saturadas de tradição, cultura e hábitos; inseparáveis do arranjo econômico, social e político da cidade. Uma dessas fascinações que persistiram são as atividades informais e “abusos” que pontuam a cidade formal do Recife. Apesar de óbvia, essa informalidade tem uma profundidade e complexidade que raramente são compreendidas em seu valor. Com uma formação em design de interiores, eu me interessei mais pela experiência e contexto dessas cenas do que pelo design dos objetos em si.

## ACHADOS NAS RUAS DO RECIFE

A quantidade de pessoas e as atividades ilimitadas que formam as ruas do Recife continuam a me surpreender, assustar e encantar. Essa informalidade que reveste cada parte da cidade tem evoluído organicamente com o tempo e responde diretamente às necessidades das pessoas. A rua tem se tornado uma grande fonte de informação e interação onde as ideias e opiniões circulam, fortalecendo tradições e reforçando maus hábitos. Nesta imagem, coloquei a multidão de coisas exóticas que eu vi nas ruas do Recife nos últimos dois anos.

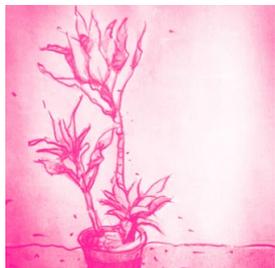
## COM O QUE SE PARECE A TAL VIBRAÇÃO DO RECIFE?

**Recife tem uma vibração da rua que se perdeu em grandes cidades desenvolvidas, onde as pessoas estão geralmente ausentes do espaço público e onde iniciativas de urbanismo tático e placemaking estão sendo usadas para estimular uma espécie de informalidade que não acontece naturalmente.** Devemos respeitar e celebrar os elementos pequenos mas importantes que promovem a vibração das ruas do Recife, o clima tropical, padrões e detalhes, multiuso dos espaços e estimulação dos sentidos, e aprender a sermos conscientes dos prazeres de nossa vida cotidiana.



**Michael Phillips, visitante assíduo**

Quando eu cheguei no Recife no início de 2014 tinha o hábito de fazer um desenho por dia e postar no Instagram. Essa prática diária aumentou meu interesse em observar a cidade, particularmente os padrões repetidos e os elementos únicos ao lugar. Dois artefatos que sempre se destacaram para mim foram o uso de plantas em latas e baldes e bancos de mototáxi. Ambos são encontrados nas ruas, são feitos à mão e aparecem em múltiplas variações. Eles também sugerem qualidades próprias de sustentabilidade: ativação da rua, reuso criativo e engajamento cidadão.

**FASCINAÇÃO 1: BANCOS DE MOTOTÁXI**

É nesses bancos que os mototaxistas sentam enquanto esperam entre as caronas. Têm uma construção simples e robusta, e são geralmente feitos de materiais baratos e encontrados na rua. O aspecto mais icônico é o triângulo cortado na base. Os detalhes de reforço claramente mostram a preocupação com as forças físicas de um banco. A repetição de formas demonstra um conhecimento compartilhado em construção, um vernáculo moderno. Ao invés de ser uma peça de design bem detalhada, esses bancos são simples, bem usados e bastante apreciados (o prazer de sentar).

**FASCINAÇÃO 2: PLANTAS NAS CALÇADAS**

Diferentes recipientes (pneus, baldes, latas de tinta) são utilizados como vasos de plantas nas calçadas. São plantas resistentes (cactos, suculentas, espadas de são jorge) que dão muito certo no clima tropical do Recife sem precisarem de manutenção. São utilizadas para embelezar, demarcar e personalizar espaços e, às vezes, posicionadas estrategicamente para evitar o despejo de lixo e metralha.

As características que mais me atraem são sua natureza despretensiosa e o entendimento profundo da vida na cidade que esses objetos incorporam. Eles oferecem a quantidade certa de qualidade e são funcionais sem se tornarem alvos de ladrões. Têm aspectos sutis de pátina e singularidade, que são cada vez mais procurados em outras partes do mundo. Nessas cidades há exemplos de soluções sustentáveis que podem ser mais provocativas, mas que se baseiam em menos entendimento.

Embora os objetos que descrevo não resolvam todos os desafios da cidade do Recife, eles demonstram que elementos de beleza, design e sustentabilidade têm sido produzidos com sucesso por pessoas comuns, independentemente de iniciativas ou políticas de implementação. ▲

# Intervenção “LINHA DE ÔNIBUS” uma heterotopia

Arquiteta e urbanista, bordadeira, mãe e loba. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (UFPE/UFPB). Desenvolve estudos e pesquisas que tratam de questões de gênero na arte, arte têxtil, artesanato têxtil, intervenções urbanas e instalações efêmeras. Tem o Linhas de Fuga, projeto pessoal, plataforma de divulgação de trabalhos.

[clarancarvalhoarq@gmail.com](mailto:clarancarvalhoarq@gmail.com)

Do deslocamento semanal entre Olinda e João Pessoa nasceu uma divagação. Encarregada de fazer as costuras da vida para estudar em outro estado/cidade, imersa na condição de ser transeunte entre dois pontos que se conectam através das linhas de ônibus, comecei a alocar meu pensamento e a deslocar meu corpo sob essas linhas reais/imaginárias.

Na intervenção “Linha de ônibus”, que nasceu neste ano (2017), utilizo o bordado nas cortinas desses ônibus, tendo na linha um objeto de conexão entre o real e o imaginário. Desejando deixar mensagens para outros seres flutuantes/transeuntes, como eu, bordei fragmentos de pensamentos sobre a minha realidade. Transformei esses devaneios em linguagem bordada, que teve como suporte físico a cortina - esta que, por sua vez, define (ou não) a conexão entre o trânsito externo e o interno. “Há saída”, “Desvia”, “Devir”, “Outro lugar”, “Resistir”, “Através”: são palavras que não estão soltas ao vento.

Há conexões entre minha intervenção e as relações entre os espaços: de dentro e de fora, entre o público e o privado, entre relações subjetivas: o real e o imaginário, entre quem escreveu bordando e quem leu o bordado, ação e intenção...

Não bastasse meu objeto de estudo, de trabalho e de vida ser sensível à temática das linhas, minha formação não me deixou desviar deste emaranhado de conceitos. Me contendo aqui, portanto, a brevemente refletir sobre as relações entre os espaços públicos e privados e a intervenção. Michel Foucault escreveu: “talvez nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se podem tocar”; ele usa como exemplo de oposições estas relações como “ainda movidos por uma secreta sacralização”. Em seu texto “Outros Espaços”<sup>1</sup>, Foucault escreve ainda que “vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos”; como se só existissem duas possibilidades extremas. É a partir dessa noção de heterotopia, presente na obra do autor francês, que pretendo basear a relação entre prática e teoria na intervenção “Linha de ônibus”.

<sup>1</sup> Conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967, Architecture, mouvement, continuité, nº 5, outubro de 1984, p. 46-49 - Michel Foucault só autorizou a publicação deste texto escrito na Tunísia, em 1967, na primavera de 1984.

As linhas de ônibus são responsáveis pelo deslocamento de corpos. Sendo o ônibus um veículo de uso coletivo, mas que é, de fato, privado, carrega consigo essas relações. Os lugares que ocupamos nelas, onde as atravessamos, nos conectando de um ponto ao outro nos atravessam também. Passamos por elas, mas elas também passam por nós. Quando se intervêm, no caso da intervenção propriamente dita, essas relações entre os espaços são suspensas, neutralizadas, no caso de forma subversiva. O que instiga Foucault, e também a mim na leitura do referido texto, é justamente “a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas”.

As heterotopias são oposições a utopias (espaços irrealis). As linhas de ônibus são utopias, pois são como “um lugar sem lugar”, assim como o espelho. O qual, vale dizer, é igualmente uma heterotopia, “na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que eu ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque me vejo lá de longe”, ou seja, as linhas de ônibus não são palpáveis, mas eu as ocupo, e, ainda, cuido pra que de longe a intervenção bordada em suas cortinas reflita assim como o espelho foucaultiano o eu que está/esteve ali. O que as transforma em heterotopias é justamente o ato da intervenção como forma de ocupação desses espaços utópicos.

A intervenção “Linha de ônibus” toca a utopia das linhas de ônibus. Defendo aqui, também, a intervenção como sendo uma heterotopia de desvio, pois, segundo Foucault, esta é “aquela na qual se localizam os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida”. Intervir em espaços não-públicos, ou que se definem como espaço público de uso limitado, como no caso dos ônibus, é um ato que subverte (ou tenta) essas relações. Quando ocupamos, de fato, criamos outros lugares. Outras formas de ação que não só de transeunte se assumem, criamos uma nova função: a de ilusão. Denunciando esses espaços públicos e privados como extremos, e criando o espaço entre, criando uma ilusão que afirma esse espaço, de forma subjetiva e ao mesmo palpável, já que podemos ver e tocar como esse enlace se deu através do bordado presente nas cortinas. ▲





*“utilizo o bordado nas cortinas desses  
ônibus, tendo na linha um objeto de  
conexão entre o real e  
o imaginário.”*



“Janela de ônibus é danado pra botar a gente pra pensar ainda mais quando a viagem é longa [...].”

Miró da Muribeca

>>> <http://bit.ly/janelamiro>

# A EXPERIÊNCIA POR TRÁS DO BOTA PRA RODAR

Daniel Valença é engenheiro eletrônico com mestrado em energia eólica. É sócio fundador da Associação Metropolitana de Ciclistas do Recife (Ameciclo), da qual foi coordenador geral e atualmente exerce cargo de conselheiro. É também conselheiro da região nordeste na União de Ciclistas do Brasil.

dvalenca@gmail.com

Luizinho chutou para longe, quase lá na esquina, a garrafa PET meitada de areia e correu. As meninas e os meninos correram do pega da vez que já estava estilando. “Pô, Luizinho, é a terceira vez que tu chuta essa garrafa, assim eu não consigo sair do pega”, disse quase chorando o estilão do Daniel. Era a terceira partida de garrafão, depois de terem jogado duas de barra bandeira e duas de queimado, e o cansaço já era latente naquela sexta-feira. Mas criança tem tudo pitoco e, logo, Elisson gritou: “Depois dessa vamos jogar tacobol!”.

Foi quando Luizinho pegou o taco para começar a nova brincadeira que ele viu surgir na esquina. O monstro transformador irrompeu, bufando na rua. Pessoas com guarda chuva no braço pararam estarecidos como se estivessem vendo um bicho de Marte ou um aparelho de morte imediata. Luiz armou o taco na mão e se preparou para rebater o monstro, mas se sufocou com a fumaça e saiu com os olhos ardendo. Monstro atrás de monstro, as ruas foram tomadas de Luizinho, Elisson e Daniel. Não só a rua deles foi embora, enquanto local de convivência, como sumiram de cena na cidade a árvore que subiam para tirar manga e a casa antiga do final da rua.

Por dias, meses e anos as crianças foram retirados das ruas, com medo daquela máquina da morte e nunca mais voltariam se não tivesse mudado suas atitudes. Os três pegaram cartazes, juntaram os vizinhos. Aquilo não mais poderia acontecer. Protestaram e reivindicaram de volta as ruas e seu direito de brincar nelas. Juntaram umas bicicletas abandonadas, pintaram todas de branco e soltaram na cidade para que todos usassem de forma gratuita. E hoje, 50 anos depois dessa aventura, Amsterdã voltou a ser uma cidade para as pessoas e para as crianças. Os netos de Luiz van Duijn, Elisson Grootveld e Daniel Luud Schimmelpenninck pedalam sozinhos para ir para escola numa cidade preparada para dar segurança e fluidez para todos.

Foi livremente inspirada nessas ideias que, no Recife, a Associação Metropolitana de Ciclistas (Ameciclo) se juntou aos jovens da comunidade Caranguejo Tabaiães e fez acontecer um dos mais fantásticos projetos da cidade. Desde o início, alguns de seus associados planejavam fazer a reciclagem de bicicletas que estivessem fora de uso. Pegavam algumas doações, compravam algumas baratinhas e, na raça, faziam as bicicletas rodarem mais uma vez. Mas havia um problema grande quando tentávamos doar as bicicletas na comunidade. Uma horda de meninos e meninas reivindicavam para si a posse da magrela.

O resultado é que nenhuma doação havia sido feita até então. A ideia então foi pegar a experiência do Provos<sup>1</sup> e replicar em uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). O Bota pra Rodar então estava formatado: catar bicicletas, reformar em oficinas com a comunidade e construir um sistema de compartilhamento de bicicletas.

A primeira fase, a de coleta das bicicletas sem uso, teve início com uma ampla campanha de divulgação. A ideia inicial seria a distribuição de cartazes em condomínios de classe média, onde os moradores trocam frequentemente de bicicleta ou já se abusaram de pedalar nelas. Em ambos os casos, ou em outros que sejam, os cemitérios de bicicletas são cenários frequente nos condomínios. Porém, a mídia abraçou rapidamente o projeto e a gente pôde se amostrar nos impressos, rádios e TVs da cidade. O interessante foi ver que

a população de baixa renda foi exatamente quem mais se sensibilizou, doando mais das metades das bicicletas aproveitadas no projeto. As bicicletas coletadas sempre tinham uma história, mas uma das melhores foi da pequena Júlia, de 6 anos, que viu a matéria na TV e mobilizou o prédio para coletar 6 bicicletas com seus vizinhos.

A coleta das bicicletas foi feita sempre com outra bicicleta rebocando duas ao mesmo tempo ou empilhando várias em um triciclo, sem que em nenhum momento o carro fosse utilizado para o transporte. Foram coletadas 40 bicicletas, não só no Recife, como também em Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Paulista e Camaragibe. A carga foi inicialmente colocada em um depósito, mas depois foi transferida para outro local maior em três viagens de triciclo.



<sup>1</sup> Provo foi um movimento holandês de contracultura em meados da década de 1960 que tinha como foco provocar reações violentas das autoridades utilizando-se de “iscas” não violentas.

Concluída a primeira fase, a segunda fase corria em paralelo. Conversas constantes na comunidade, construindo a identidade visual das bicicletas, conversando sobre mobilidade, os riscos corridos e mobilizando a juventude para participar das oficinas de pintura e manutenção de bicicletas. Nas visitas era interessante ver o uso da rua pela comunidade. O tempo todo as vias estavam lotadas com crianças brincando de bola, de empinar a bicicleta ou de pião, e adultos conversando sobre tudo ou tomando uma cervejinha. Aquela rua não tinha sido morta pelo Monstro de Marte ainda. Os motivos, vimos nas primeiras visitas: os moradores construíam lombadas em toda a via, num ritual de festa, com cerveja e virando o cimento.

Quando a manutenção iniciou, poucos participaram, mas com o boca a boca saímos de 2 jovens para 14 em cada uma das 11 oficinas. Isso permitiu que as 20 bicicletas finais a serem entregues passassem por um processo de triagem, desmontagem, limpeza, raspagem, aparelhagem, pintura, montagem e ajuste final. As oficinas foram um capítulo à parte na integração entre a associação e a comunidade. Ali todos estavam à vontade e compartilhando o trabalho. Foram contratados oficinheiros especialistas em cada um das fases, que ministravam as aulas práticas. O tempo compartilhado nos ensinava a diferença social entre nós e como isso influenciava nas nossas vidas.

Desde o caminho, quando se formava o bonde de ciclistas, a gente via a diferença de interação do grupo com relação a outros grupos com os quais pedalávamos. Os meninos iam na frente empinando suas bicicletas pelo máximo de tempo possível e todos nós, como de costume, ocupando todas as faixas. Mas nunca levei tantas fechadas dentro de um grupo quanto nesses deslocamentos. Os motoristas pareciam dar um recado claro de que não deveríamos estar ali, mas também era um recado claro de que só faziam isso com os meninos negros da classe baixa, pois nunca tínhamos passado por isso antes de forma tão frequente. O mais chocante foi irmos para um restaurante no intervalo do almoço, mas quando os meninos, negros, entraram no estabelecimento, todos congelaram seus garfos e ficaram boquiabertos. A impressão é que as pessoas achavam ser um assalto coletivo, o medo estava cristalizado em seus olhos.

E quando voltávamos às oficinas, trocávamos ideias sobre o que tinha acontecido e os incômodos que aquilo poderia ter causado. A conversa na oficina era a parte mais enriquecedora para todos nós. Enquanto isso, era sempre discutido como era pedalar no trânsito e como eles se sentiam lá. O mesmo sentimento era compartilhado: os motoristas não respeitavam as distâncias, os finos às vezes davam aquele frio na alma, mas também sobre como eles amavam as bicicletas deles e o sentimento de liberdade que elas traziam para eles conquistarem a cidade. Durante as oficinas também conversávamos sobre como seria o formato do sistema compartilhado de bicicletas. Enquanto nós vínhamos com a ideia inicial do Provos, eles sabiam que aquilo nunca seria possível de acontecer na comunidade deles: “No outro dia não teremos mais nenhuma bicicleta”. Para nós, o que importava era ter mais 20 bicicletas em circulação, o sentimento deles era de ter um sistema compartilhado para uso de toda a comunidade.

Foi assim que fomos construindo, desde a cor das bicicletas, identificando com as cores que a comunidade gostava - “Roxo da cor do Caranguejo e Azul da sede da Tabaiães” diziam os jovens -, até o sistema de controle das bicicletas. A terceira fase se iniciou com uma grande festa de inauguração do sistema. As bicicletas, bicicletários e estações de reparo foram levadas em duas viagens de bicicletas até a comunidade e fomos distribuindo panfletos ao som da música que eles escolhiam. Ao final, a Biblioteca Comunitária de Caranguejo Tabaiães abraçou a ideia e foi a grande centralizadora do sistema. Além de servir de local seguro para o armazenamento, os moradores faziam o cadastro de controle junto aos voluntários da biblioteca e lá mesmo retiravam as bicicletas disponíveis.

O sistema assim funcionou disponibilizando as bicicletas aos moradores. E a dinâmica era fantástica e isso atraiu mais uma vez toda a mídia local. No começo da manhã já tinham moradores esperando para devolver a bicicleta emprestada no dia anterior e que tinha servido para sair para um curso noturno ou para deixar as crianças na creche antes da biblioteca abrir. Uma das mães que levava dois filhos comentava que “antes eu levava 1h a pé carregando as duas crianças, hoje faço tudo em vinte minutos e já devolvo a bicicleta para outro usar”. E lá já estava “o outro”, que pegava a bicicleta para ir ao seu trabalho como treinador de tênis no Parque de Santana, que “antes eu levava 2h entre esperar o ônibus e chegar lá no engarrafamento, hoje

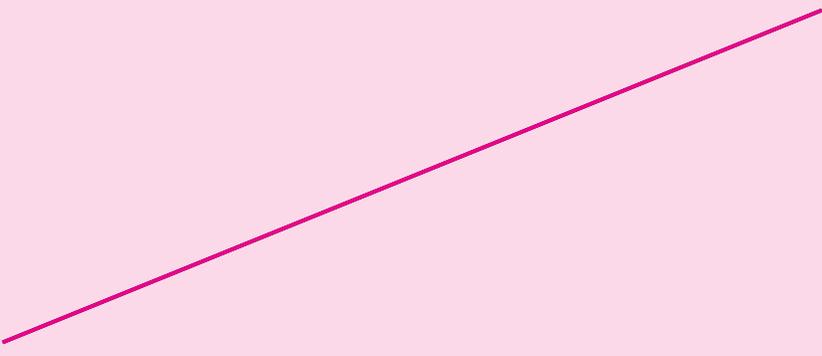
tudo acontece em pouco mais de 15 minutos, esse projeto tem que ampliar”. No meio da tarde, um senhor pedia exclusivamente uma das bicicletas com bagageiro para poder catar latas e garrafas PET na comunidade, “depois eu levo elas para vender na cooperativa e tiro um trocadinho para me divertir um pouco mais”.

Nessa dinâmica diversificada, apenas na primeira semana, 170 pessoas se cadastraram e as 20 bicicletas rodaram 146 vezes. Dessas viagens, 35% foram realizadas por mulheres, uma taxa 5 vezes maior do que contamos nas vias

do Recife, pois geralmente os veículos da casa são reservados aos homens. O projeto teve um custo de R\$30 mil e foi possível a partir de um edital do Fundo Socioambiental CASA. Não à toa, com projetos tão incríveis para espalhar bicicleta no Brasil, este venceu o Prêmio Nacional da Mobilidade por Bicicleta da Transporte Ativo. E fomos receber ele no maior fórum mundial sobre bicicletas, o Velo-City, que aconteceu em Nijmegen-Arnhem nos Países Baixos. Lá as trocas sobre o projeto só aumentaram as chances de ele continuar. E para isso, ele vai demandar um esforço extra de captação de recursos para a manutenção das bicicletas e a criação de um modelo sustentável do projeto, o que contemplará a segunda etapa deste piloto tão bem sucedido.

Quando Recife tomou sua escolha no rumo errado da história, expulsou daqui os holandeses e os judeus nova-iorquinos, também expulsou os pedestres e ciclistas quando optou por fazer uma obra de R\$500mi para motorizados individuais (a Via Mangue). Com esse recurso, era possível fazer 590km de infraestruturas cicloviárias e, com a sobra, doar 400 mil bicicletas aos seus cidadãos. Enquanto isso, em resistência, a população bota pra rodar bicicletas recicladas compartilhadas da comunidade e constroem suas próprias lombadas para segurança de seus filhos Luizinho, Elisson e Daniel. ▲





## Mitos Propositais

Aqui e agora  
Crio um mito para mim.  
Uma América Latina: conhecedora de si.

A realidade canta  
de uma babá de casa  
em terra “estrangeira”.

Crio um mito para mim  
Solidariedade, confiança e generosidade abundantes.  
A realidade transborda  
de um teto compartilhado  
por sete nacionalidades  
em território indígena.

Num mundo conhecedor de si  
a terra não é qualquer  
e o território muito menos.  
A terra não se vende?

Unidxs sob o gesto de propriedade comunitária,  
A terra não se vende.

Diante da força do capital no século XXI,  
a terra não se vende?

Comuneirxs divididxs sob a governanza duvidosa.  
A terra não.  
Se vende.

Crio um mito para nós,  
Autonomia, Justiça e Plenitude  
em território protegido  
por lei de posse particular.

A realidade contradiz  
que, em transição,  
pode ser que vende,  
uma Amaicha por aí.

Crio o mito, crio a realidade.  
Mitos magnéticos das realidades desejadas?  
Crio o mito, crio a realidade.  
Mitos máscaras das intenções abandonadas?  
Crio o mito, crio a realidade.

Mitos escritos, mitos ditos.  
Mitos compartilhados, mitos fortalecidos.

Consciências intencionais,  
Realidades da criação.  
Aqui e agora  
Renasce uma existência.  
Abya Yala<sup>1</sup>, O mito e a realidade se reencontram na marca da  
sua identidade.

1 O nome, Abya Yala, é o nome ancestral guardado pela nação Kuna, Abya Yala em idioma Kuna significa “tierra en plena madurez, en permanente juventud”, “tierra noble, que acoge a todos”. Para o movimento indígena originário é importante reconstruir os nomes ancestrais, já que constituem nosso espírito. A denominação de América foi dado a partir da colônia e está relacionado também ao espírito do invasor.

Escritora, tradutora, artista de cena e mediadora de vivências de troca de saberes para comunidades regenerativas. Design Sustentável (Gaia Foundation), Membro da Sociedade Latino americano de Agroecologia. Pesquisadora do projeto Epicentrando: Investigação de movimentos de transição para a soberania alimentar e o bem viver. Consultora de projetos latino-americanos de intercâmbio e caravanas de atuação regenerativa.

[makeda.dyese@gmail.com](mailto:makeda.dyese@gmail.com)

## Saberes Caminhantes

Caminho para saber  
o caminho, sem saber.

Caminhar implica caminho,  
Caminho indica trajetos,  
trajetos propõem variações,  
variações disponibilizam  
trans  
form  
ações.

Transformações da paisagem  
adentro e afora.  
Transformações de quem caminha,  
Transformações de quem acompanha.

Transformações do ímpetu,  
Transformações do motivo.

Transformações da energia que se apresenta,  
Transformações das forças que se disponibilizam.

Decidiu caminhar?  
Decidiu transformar?  
Há uma única regra:  
Siga em movimento do silêncio sagrado.

Diante dos desencantos: Sigo em Movimento.  
Movimento da percepção,  
Movimento de fora para dentro,  
Movimento de dentro para fora,  
Movimento que respeita os silêncios,  
Movimento que expressa os sentimentos,  
Movimento que encanta pela força do fazer.

Diante do silêncio alheio,  
o que se manifesta?  
Há silêncio ruidoso,  
silêncio curioso?

Silêncio interno diante do não silêncio alheio?  
Silêncio alheio diante do silêncio alheio?  
Por via das dúvidas, silencia-se?

Silêncio janela,  
Silêncio lente.  
Enxergar ao se silenciar,  
Silêncio ao enxergar,  
Silêncio ao ser enxergado?

Inverno, a festa dos silêncios.  
Montanha, guardião dos silêncios  
e todas suas manifestações.

Viva, permitido pelos silêncios ativos.  
Viva, alimentando a fluidez do ser ir.

Á flor do fogo que transforma.



# CARRO (DE SOM) PRA QUÊ?

Arquiteto e urbanista (UFPE, 2008) e Máster em Desenvolvimento Urbano e Territorial (UPC/Barcelona, 2011). Especialista em mobilidade urbana sustentável, coordenou projetos na Serttel por 3 anos e hoje atua como consultor na área. Membro associado da Ameciclo, gasta quase todo o tempo livre fazendo mapas de tudo o que vem à cabeça.

plguedes@gmail.com

A Lei Federal 9.504/1997 estabelece as normas eleitorais do país e, em seu artigo 39, dispõe sobre a propaganda eleitoral. **Como muita gente, eu detesto propaganda eleitoral.** E, como muita gente (talvez um pouco menos), eu adoro a lei. Nas eleições de 2016, minha querida Estrada do Encanamento (Casa Forte/Recife-PE) estava quase livre de toda e qualquer propaganda eleitoral, pois nos últimos anos foram proibidas pinturas em muros, outdoors, aqueles cavaletes infernais, etc - com a exceção de um elemento importante: o carro de som.

Entre um cover de brega mal produzido e outro, comecei a buscar formas de me livrar desse incômodo sem o uso de algum tipo de armamento não-letal, quando descobri que na referida lei e artigo, fica definido que:

*§ 3º O funcionamento de alto-falantes ou amplificadores de som, ressalvada a hipótese contemplada no parágrafo seguinte, somente é permitido entre as oito e as vinte e duas horas, sendo vedados a instalação e o uso daqueles equipamentos em distância inferior a duzentos metros:*

*I - das sedes dos Poderes Executivo e Legislativo da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, das sedes dos Tribunais Judiciais, e dos quartéis e outros estabelecimentos militares;*

*II - dos hospitais e casas de saúde;*

*III - das escolas, bibliotecas públicas, igrejas e teatros, quando em funcionamento.*

*§ 9º-A. Considera-se carro de som, além do previsto no § 12, qualquer veículo, motorizado ou não, ou ainda tracionado por animais, que transite divulgando jingles ou mensagens de candidatos.*

*§ 11. É permitida a circulação de carros de som e minitrios como meio de propaganda eleitoral, desde que observado o limite de 80 (oitenta) decibéis de nível de pressão sonora, medido a 7 (sete) metros de distância do veículo, e respeitadas as vedações previstas no § 3º deste artigo.*

Ué? Eu moro em frente a uma escola estadual. E ela funciona todo dia desde antes das 8h até por volta das 22h. A essa altura eu já tinha gostado de descobrir que na frente da minha casa deveria ser proibido o uso de carros de som durante a campanha. Depois, olhando bem a lista de locais em cujo entorno é proibida a propaganda sonora, comecei a imaginar que isso daria um belo mapa que poderia ser útil aos colegas não-admiradores da arte da cantoria político-partidária não solicitada.

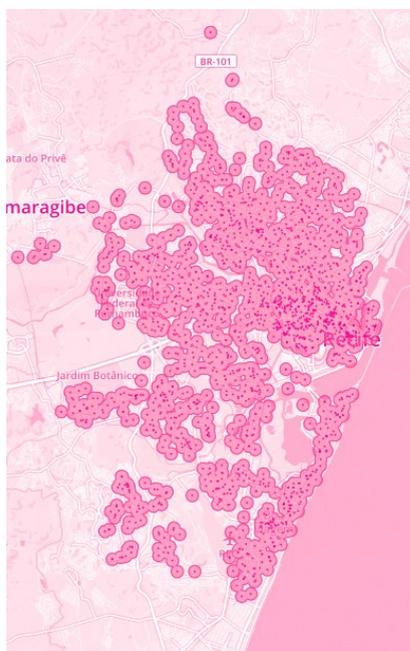
Fui, então, na base de dados abertos da Prefeitura do Recife (<http://dados.recife.pe.gov.br>), em busca do nosso cadastro mercantil georreferenciado e filtrei no QGIS (software livre de geoprocessamento) as tipologias que se encaixavam na descrição. Adicionei ainda as bases de escolas públicas e equipamentos de saúde, também disponíveis no mesmo portal, para garantir que não iria deixar ninguém de fora. Depois foi só fazer um buffer simples de 200 metros, ou seja, um círculo a partir de cada um dos estabelecimentos que, segundo a lei, devem ter seu entorno respeitado pelos carros de som. **O mapa está em constante evolução e se encontra disponível em <http://bit.do/carrodesom>**

O resultado é uma tremenda mancha que ocupa quase toda a cidade. O Recife é a quinta menor capital do Brasil em área, com 218km<sup>2</sup>. Considerando que mais de 70km<sup>2</sup> estão nas UCNs - Unidades de Conservação Natural, ou o famoso "mato" - a área urbanizada se demonstra menor ainda, sobrando aí, por cima, uns 150km<sup>2</sup> de cidade com atividade humana.

Somadas, as áreas de influência dos quase 2 mil pontos que batiam com a descrição do artigo 39 da lei 9.504 chegaram a incríveis 87km<sup>2</sup>, ou seja, 60% da área urbanizada da cidade! Eu fiz esse mapa sem muito rigor científico e esses valores provavelmente estão subestimados. No mapa dá pra perceber que alguns lugares bem grandes ficam de fora na metodologia que usei, mas acabam sendo na prática proibidos do mesmo jeito, como o campus da UFPE na Cidade Universitária.

Dito isso, dá pra perceber que um carro de som eleitoral só poderia ficar ligado ao longo de poucos trechos de vias na cidade, entre eles: a Via Mangue, pontes do Pina e Paulo Guerra, BR-101 na altura do Barro e perto do cruzamento do Capibaribe e a BR-232 no trecho após o final da Abdias de Carvalho. Além disso, as áreas populosas que não estão a 200 metros de nenhum desses equipamentos são na verdade muito carentes de serviços públicos e não merecem ainda mais esse estorvo da sociedade só porque moram longe das oportunidades: que sejam feitas escolas, bibliotecas e equipamentos de saúde nessas áreas em branco para preencher melhor esse mapa.

**E que se proíba o uso de carros de som nas eleições de uma vez por todas.** Não bastasse o incômodo abusivo que causa a invasão de nossas casas por essa zoada infernal, pensem em quem está entre as 8 e 22 em escolas, casas de saúde, bibliotecas, igrejas e sedes do poder público. Tem sempre um pertinho de você. ▲



E QUE SE PROÍBA  
O USO DE CARROS  
DE SOM NAS ELEIÇÕES

DE  
UMA  
VEZ  
POR  
TODAS.

<http://bit.do/carrodesom>



# AS CIDADES TÊM FOME DE QUÊ?

Graduada em Administração Pública, trabalha para o Núcleo de Gestão do Porto Digital e é mestranda em Desenvolvimento Urbano pela UFPE. Apaixonada e curiosa por comida, para o corpo e para a alma, no campo e na cidade, como uma experiência individual e coletiva e sobretudo como uma política pública.

[nata.lacerda@gmail.com](mailto:nata.lacerda@gmail.com)

Nasci e cresci na cidade do Recife e, já adulta, morei durante 4 anos na cidade de São Paulo. A primeira, uma metrópole regional importante; a segunda, o maior aglomerado urbano do país. Apesar de algumas passagens pelo interior, a passeio, nunca tive raízes rurais de fato. Assim, me considero uma pessoa de formação urbana.

Um pouco mais tarde, com meus vinte e poucos anos, tive vontade de conhecer lugares diferentes e fui morar durante um ano numa pequena cidade da Índia, chamada Varanasi. Um lugar de ruas vívidas, pulsantes e onde a conexão com o campo e com um estilo de vida rural eram muito mais perceptíveis do que os lugares onde eu já tinha vivido. Vacas, búfalos e macacos circulavam em meio às pessoas e aos carros por toda a cidade, o leiteiro deixava a garrafa de leite fresco diariamente nas casas e agricultores e ambulantes vendiam frutas e verduras da época em todas as esquinas.

De volta ao Recife, comecei a sentir uma sensação estranha de “claustrofobia”. Falta algo de vida no apartamento em que eu morava, na rua, nos prédios, e aquele cotidiano já não fazia muito sentido. Assim, no primeiro empurrãozinho viajei novamente.

Dessa vez fui para a Argentina, onde perambulei durante dois meses por comunidades rurais e projetos de permacultura, convivendo, fazendo parte, compartilhando tarefas, celebrações e sonhos. Conheci muitas pessoas que haviam nascido e crescido em grandes centros urbanos e que fizeram a opção por sair deles. O que os movia, em geral, era a busca por uma vida mais autônoma e sustentável, mais próxima do mundo natural, com menos consumo e com mais tempo para cultivar relações e para si mesmo.

Depois disso, voltei para Recife com a notícia de que havia sido selecionada para um Mestrado em Desenvolvimento Urbano e precisava escolher um tema de estudo. Uma ironia do destino? O que eu escolheria estudar sobre cidades quando meu coração gritava para fugir delas?

Desenvolvimento urbano pode ter uma porção de sentidos distintos para diferentes correntes, assim como desenvolvimento sustentável. Mas, se existe algo a que podemos chamar de “desenvolvimento sustentável”, ele é ou deve ser, em alguma medida, urbano. Simplesmente porque metade da população mundial e 84% dos brasileiros vive atualmente em áreas urbanas. Até 2050, serão dois terços da população do planeta, ou seja, 6 bilhões de pessoas, segundo a ONU. Pode haver um mundo sustentável sem cidades sustentáveis?

O movimento de “êxodo urbano”, que ganha cada vez mais adeptos, é, em si, uma busca por sustentabilidade. Mas este não é apenas um movimento por abandonar as cidades e viver no campo. É também por trazer o “rural” para dentro do urbano, seja através da criação de jardins, hortas, atividades comunitárias, feiras de produtores locais; plantio de árvores; revitalização de rios, lagos, açudes; construção de vias caminháveis e pedaláveis; diminuição do ritmo e do estresse do cotidiano etc (mesmo que a ideia de rural evocada seja um tanto idílica algumas vezes).

Estava eu nessa busca quase existencial por definir o meu tema de pesquisa, quando aconteceu em Recife o “Ocupe Campo-Cidade”, em abril de 2015. Organizado pelo movimento Ocupe Estelita e diversos outros movimentos do campo e da cidade, o evento me despertou para as questões que uniam as lutas urbanas e rurais. Bem no centro delas estava a ALIMENTAÇÃO.

## SOMOS O QUE COMEMOS

Falar sobre alimentação hoje em dia é difícil. Há uma imensa profusão de vozes e discursos sobre o assunto, que se multiplicaram ainda mais na última década. Alimentação funcional, vegetariana, vegana, orgânica, livre de transgênicos, glúten, lactose, açúcar, gordura; uma dieta para emagrecer, uma para engordar, uma para os atletas, uma para ambientalistas, etc. A ciência corre ao lado trazendo novas descobertas a cada dia sobre os efeitos do que comemos em nosso corpo e em nosso meio, para o bem ou para o mal.

Sou otimista e acho que isso é reflexo de uma consciência maior sobre uma “alimentação de qualidade” e o impacto do que comemos no mundo. Mas que, por outro lado, é também apropriada por interesses de grandes indústrias alimentícias, para as quais comida é antes de tudo uma mercadoria. Nada é simplório e unidimensional quando se trata do assunto. Evidências empíricas como as crescentes taxas de obesidade, a permanência da fome e da desnutrição, o aquecimento global, a desertificação e escassez de água potável causadas pela indústria alimentar inflamam ainda mais as preocupações.

Em algum momento eu mesma me contaminei com alguma obsessão por comida. Essa é uma paixão que trago de família, de berço, e que foi tomando uma proporção maior nos últimos anos. Descobri novos ingredientes e preparos, cultivei novos hábitos, passei a conhecer os produtores e fornecedores do que comia. Reconheci aí o quanto essas escolhas são pessoais e subjetivas, mas também coletivas e, por vezes exclusivas e desiguais.

Observei ainda que uma refeição é celebração, motivo de união das pessoas mais queridas e uma forma de estreitar laços. Também notei o quanto uma culinária define uma nação, um povo, uma cultura, e se torna um símbolo de pertencimento e de identidade. Afinal, passei a enxergar justificativas das mais diversas e incontestáveis para a minha fascinação com o ato de se alimentar.





Voltando para a cidade, nos perguntamos: qual é a relação entre alimentação e desenvolvimento urbano? Para a pesquisadora inglesa Carolyn Steel, que se autointitula uma “urbanista alimentar”, essa relação é tão forte e ampla que é tomada como óbvia demais para ser discutida. Em outras palavras, está tão na ponta do nosso nariz, que não a vemos.

Começemos por olhar o caminho que o alimento percorre até chegar nos nossos pratos. Existe uma cadeia complexa de atividades que interliga o cultivo agrícola, o processamento e a industrialização, transporte, distribuição, comercialização, preparo na cozinha, até o descarte de restos de alimentos e resíduos (embalagens, por exemplo). É o que chamamos de sistema alimentar.

Cada peça desse sistema é vital para as cidades, que não produzem quase nada de todo o alimento de que precisam. Foi o desenvolvimento da agricultura que possibilitou o surgimento das primeiras cidades, para começo de conversa. Garantir o abastecimento alimentar era a atribuição mais primordial das administrações públicas em cidades antigas. A evolução tecnológica nos transportes e nas técnicas de produção e conservação dos alimentos libertaram as cidades de limites rígidos à sua expansão e localização territorial, mas não solucionaram esse vínculo de dependência e vulnerabilidade. **Se o campo não planta, a cidade não janta. Se o agricultor não roça, o operário não almoça.** E os cidadãos também não se alimentam se não houver quem transporte e distribua nos seus bairros, nem se não contarem com os meios de acesso físicos e financeiros.

É um sistema de proporções gigantescas. A metade da população mundial que habita em cidades é responsável por muito mais que metade de consumo mundial de alimentos. Apenas em Recife são 1,5 milhão de bocas para alimentar. A Central de Abastecimento da cidade (CEASA-PE) comercializa 3.000 toneladas de alimentos e movimenta R\$ 10 milhões diariamente e isso não inclui a movimentação dos supermercados, que possuem suas próprias centrais de distribuição.

O sistema alimentar tem dimensão global e local ao mesmo tempo. A indústria alimentícia abastece as cidades com produtos de todos os continentes. Ainda assim, a nossa segurança alimentar e nutricional vai depender de territórios rurais nos arredores das cidades e de feiras e mercados que levem alimentos de qualidade e in natura (frutas e verduras frescas) a preços acessíveis para todos os bairros, de centro a periferia.

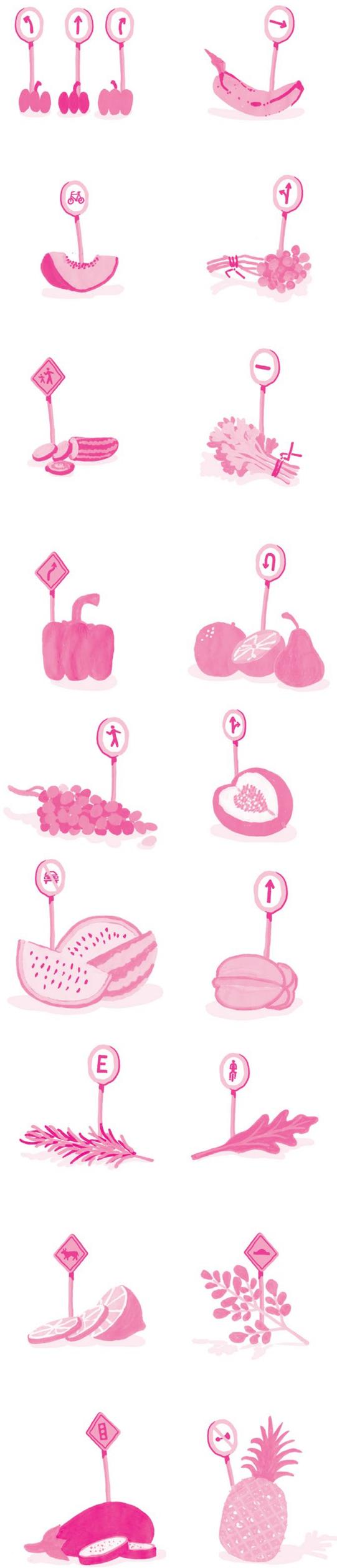
Mesmo com tamanha importância para a nossa saúde, o sistema alimentar é em grande medida uma incógnita para seus consumidores e para gestores urbanos. O sistema alimentar vigente, de escala global, controlado por grandes e poucas corporações, homogeneiza a oferta de alimentos; aumenta a oferta de produtos industrializados; diminui a demanda por produtos naturais e locais; ameaça a biodiversidade; faz uso intensivo de produtos químicos que poluem as águas e empobrecem os solos e impactam na saúde de animais e seres humanos.

As cidades, como os grandes centros consumidores, possuem um papel essencial na transformação deste sistema. Acima disso: é uma mudança vital e indispensável, como meio de resgatar e preservar os valores nutricionais, culturais e ambientais do alimento num território urbano. Como disse Maria Emília Pacheco, ex-presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, “é possível e necessário repensar o direito à cidade e incluir numa das suas funções sociais o direito à alimentação”.

De que forma o planejamento e a gestão urbana podem atuar ou vêm atuando no mundo? Alguns exemplos:

- ▶ Delimitando cinturões verdes no zoneamento municipal ou metropolitano - Uma forma de preservar espaços agriculturáveis próximos à cidade, limitar a expansão imobiliária ou industrial, assegurar a permanência de produtores locais e garantir uma fonte de alimentos frescos e de qualidade a preços acessíveis;
- ▶ Apoiando a agricultura urbana, isto é, a produção e extração de alimentos no interior da cidade, incluindo a pesca urbana, tão presente no caso de Recife e região metropolitana;
- ▶ Investindo em feiras, mercados públicos, restaurantes e cozinhas comunitárias como equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional;
- ▶ Promovendo a coleta e destinação dos resíduos e esgotamento sanitário com vistas à produção de adubo para enriquecimento do solo que produz o nosso alimento;
- ▶ Fortalecendo a Política e o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, já existente, considerando todas as etapas do sistema, da produção ao consumo e descarte.

A alimentação é a chave para transpor a visão de cidade enquanto um ente isolado e passar a enxergá-la como a ponta de um sistema que interliga territórios rurais e urbanos de todo o planeta. Esta perspectiva é urgente como forma de construirmos cidades que não sejam apenas consumidoras, mas também geradoras de recursos naturais. Assumir que não há limites claros entre urbano e rural para os fluxos de alimentos, energia e resíduos é reconhecermos a nós mesmos como cidadãos planetários. ▲



1 De acordo com a Escola de Saúde Pública de Harvard, 75% da produção alimentícia do mundo gira em torno de 12 espécies de plantas

Contato não contemplativo. Espectador transformado em participante. Proposições em vez de peças. Propor. Propor práticas não ritualísticas. O artista não mais como criador de objetos, propositor de práticas. Descobertas apenas sugeridas, em aberto. Proposições simples e gerais não ainda completadas. Situações a serem vividas. \_Hélio Oiticica

No dia 26 de julho de 2017, uma quarta-feira à tarde, aproveitei minha ida a Recife para fazer uma visita ao INCITI. Na ocasião, me interessava conversar com os responsáveis pela Revista URTIGA para saber um pouco mais sobre o espaço que eu teria na publicação. Chegando ao laboratório, fui recebido pelo coordenador de engenharia, Djair Falcão, que me apresentou brevemente as pesquisas e projetos que eles vinham desenvolvendo. Fui igualmente apresentado aos outros pesquisadores envolvidos com a revista, com os quais pude conversar sobre interesses comuns, sobre as ações do INCITI, sobre a cidade de Recife e a minha proposta de trabalho: uma pauta coreográfica para dançar [com] a cidade. Aqui, retrato como se deu o processo de criação da pauta - tendo as suas próprias instruções como guias estruturadores do texto - e dou continuidade ao relato do encontro com a equipe do INCITI.

#### 1) FECHA OS OLHOS. // SENTE O CHÃO SOB TEUS PÉS. // DESPERTA.

A pauta coreográfica, de certo modo, retrata e sintetiza o percurso investigativo das minhas atividades na cidade de João Pessoa - PB<sup>2</sup>. No Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba [PPGAU-UFPB], dedico minha pesquisa de mestrado ao estudo da cidade a partir de um viés artístico e sensível. A pesquisa surgiu com a intenção de aliar meu interesse em dança contemporânea ao estudo dos processos de produção da cidade e da experiência nos espaços públicos urbanos. Inicialmente, a pesquisa intitulava-se “Dançar (n)a cidade”, como um primeiro indicativo de uma dança que acontecia no espaço público e que também alimentava-se dos elementos desse espaço como inspiração para criação. Era intenção minha entender como o nosso corpo, na dança, poderia se conformar num instrumento de apreensão e leitura da cidade. Mais tarde, descobri que essa dança, a qual passei a chamar de “composição situada”<sup>3</sup>, também é motivadora de outras relações com a cidade e seus habitantes. Logo, o título da pesquisa evoluiu para “Dançar [com] a cidade”, assim mesmo, com destaque na palavra [com]. A pauta tem o objetivo de colocar no mundo algumas dessas descobertas, com base nos meus estudos acadêmicos e experiências coletivas vivenciadas na rua<sup>4</sup>.

O processo de criação da composição situada acontece em tempo real, no contexto de um lugar específico, articulando-se para além de seu aspecto físico, mas também com os aspectos políticos, históricos e simbólicos do espaço. As instruções da pauta coreográfica foram pensadas como motivações - para a construção de relações entre corpo e cidade -, não para serem seguidas à risca. São instruções “em aberto”, como bem aponta Hélio Oiticica na citação que abre este texto, que permitem a livre apropriação por quem as lê e se sente de alguma forma tocado.

Por isso, transformei a pauta em um lambe para ser espalhado e afixado pelos lugares onde passo. Também enviei a pauta para pessoas conhecidas, por *e-mail*, e coloquei outras em caixas de correio aleatórias. Junto às instruções, peço que as pessoas registrem, de algum modo, suas experiências dançadas e enviem para um e-mail criado especialmente para coletar esse material<sup>5</sup>.

Me interessa, igualmente, investigar as diversas formas de registro dessas experiências, outros modos de “cartografar” a cidade.

1 Fala do artista brasileiro Hélio Oiticica sobre suas instalações conhecidas como “penetráveis”, criadas na década de 1960. Trecho extraído do documentário “Hélio Oiticica”, de 2012, dirigido por César Oiticica Filho e produzido pela Guerilha Filmes [94 minutos].

2 Faço um agradecimento especial à querida amiga e parceira da dança, Cândice Didonet, por ter me introduzido à ideia de “pauta coreográfica” e por todas as trocas que me inspiraram a desenvolver esse trabalho. Agradeço, igualmente, ao querido amigo e parceiro de arquiteturas efêmeras, André Moraes, por seu estímulo e sua disposição para pensar essa pauta comigo.

3 Termo utilizado por Líria de Araújo Moraes, na sua tese intitulada “Corpomapa: o dançarino e o lugar na composição situada”. Tese de doutorado defendida em 2015, na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

4 Em João Pessoa, faço parte do grupo de pesquisa em dança “Radar 1”. O grupo interdisciplinar investiga processos de improvisação em dança e encontra-se semanalmente para ir às ruas e explorar o espaço público como motivador para a criação.

5 E-mail: para.dancar.com@gmail.com

Parahybano, dançarino e pesquisador. Graduado em Engenharia Civil [UFCG], está prestes a concluir o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo [UFPB] e a Especialização em Design e Arquitetura de Espaços Efêmeros [IESP]. No momento, faz parte do grupo de pesquisa “Visões Urbanas” e do “Radar 1 - Grupo de Improvisação em Dança”, ambos em João Pessoa (PB), onde investiga a cidade e a criação em dança a partir de práticas insurgentes e ações sensíveis dos corpos nos espaços públicos.

ialecamboim@gmail.com

Algo que chamo de *cartografia sensível*, pois empenha-se em registrar a experiência do corpo na cidade, as ações e relações construídas socialmente, os conflitos, os acordos, as surpresas e toda a vitalidade que existe e resiste nos espaços públicos das cidades contemporâneas. A fotografia, o vídeo, o áudio, o relato escrito, o desenho são apenas alguns exemplos de meios para se registrar a experiência proposta pela pauta, cada um com suas particularidades e potencialidades.

Na minha visita ao INCITI, após conversarmos sobre o contexto no qual meu trabalho está inserido, fiquei positivamente surpreso quando percebi que boa parte da equipe estava disposta a ir à rua comigo, naquela mesma tarde. Eu havia levado alguns lambes e pedi que o grupo me ajudasse a colá-los por onde passássemos. Expliquei que eles não iam apenas me observar dançar, ou “performar”, mas que também seriam participantes da ação. A primeira parte do meu objetivo já havia sido alcançada, ao despertar o interesse dessas pessoas em experimentar a cidade de uma forma diferente.

#### 2) DESLOCA-TE PELO ESPAÇO. // BUSCA O OLHAR DAS PESSOAS AO TEU REDOR.

Antes de deixarmos a sede do INCITI, precisávamos decidir para onde iríamos. Durante o mestrado, a escolha dos lugares em que a dança se daria só começou a fazer sentido depois de algum tempo. No começo, essa escolha era guiada por nossa intuição, mas foi após ter participado do Corpocidade 5, em Salvador - onde me aproximei do conceito de “zonas limiarias” -, que percebi que havia uma lógica por trás dessa escolha.

À luz das reflexões de Antônio Arantes<sup>6</sup> sobre as cidades contemporâneas no Brasil, os articuladores do Grupo de Estudos Liminaridades, do Corpocidade 5, explicam que as zonas limiarias das cidades são “lugares sociais conformados por uma diversidade de categorias e sujeitos sociais, territorialidades e sociabilidades que se superpõem e se entrecruzam de modo complexo, não apenas no espaço, mas também no tempo”<sup>7</sup>. Essa superposição de elementos não caracteriza fronteiras bem delimitadas, mas verdadeiras zonas de transição, o que pressupõe a adoção de uma leitura dialética do espaço urbano que não é, nem pode ser, dicotômico. As zonas limiarias “são ambivalentes, não se classificam em posições definidas pelo direito, pelo costume e pelas convenções; estão ‘fora do lugar’, são culturalmente ambíguos e simbolicamente invisíveis”<sup>8</sup>. Explorar esses limiários urbanos com a dança, é dançar com as brechas, os territórios não dominados pelas ações hegemônicas de um planejamento urbano que segrega e homogeneiza.

Como estávamos no Bairro do Recife Antigo, o primeiro lugar sugerido pelo grupo foi a praça do Marco Zero. Receei esta escolha, pois sabemos o quanto esse espaço tem sofrido com ações pacificadoras, com a turistificação, sempre dentro da lógica dos chamados processos de “revitalização urbana”, os quais buscam nada mais que a anulação da vitalidade popular e a segregação de uma parcela da população que é afastada desses espaços por não se sentir pertencente àquela realidade. Realizar a intervenção no Marco Zero poderia ser interessante, justamente para contrapor essa lógica imposta ao lugar, mas eu buscava um espaço que estivesse mais conectado ao cotidiano do cidadão recifense.

Saímos andando pelas ruas do Centro e colamos alguns lambes pelo caminho. Surgiu, então, a ideia de irmos até a Praça da Independência - mais conhecida como Praça do Diário - para que, em seguida, fôssemos caminhando até o Marco Zero. Ao chegar na praça, logo constatei que não conseguiríamos sair daquele lugar tão cedo. O espaço me pareceu intensamente familiar, pois assemelhava-se a vários espaços públicos do Centro de João Pessoa, onde eu já havia dançado. Sugeri aos que estavam comigo que ficassem à vontade para deslocar-se pela praça, para seguir as instruções da pauta, ou não, mas que buscassem construir relações com o que se apresentava ali, pessoas e objetos.

6 ARANTES, 2000 apud ROSA, T. T. et al. Liminaridades. In: BRITTO, F. D., JACQUES, P. B. (org.) Corpocidade: gestos urbanos. Salvador: Edufba, 2017

7 Ibid., p. 354.

8 Ibid., p. 355.

### 3) IMPREGNA A CIDADE NO TEU CORPO.

A Praça do Diário é um espaço extremamente vivo. Víamos vendedores ambulantes, transeuntes, pessoas apinhadas nos pontos de ônibus, moradores de rua, prostitutas em busca de clientes, crianças, jovens e idosos... todas e todos dividindo o mesmo espaço. Caminhei lentamente em volta dos vendedores e todos me perguntaram se eu gostaria de comprar uma mochila. Achei curioso, pois eu ouvi esse mesmo questionamento no mínimo 10 vezes, de 10 vendedores diferentes. Era como se eu só pudesse passar por ali, andando naquele ritmo, caso eu estivesse procurando algum produto. **Continuei a caminhar pela praça.** A partir desse deslocamento, me deixei impregnar pelo lugar, permiti que o meu corpo fosse afetado pelos conteúdos do ambiente. Falo impregnar, nesse sentido, como uma forma de acumular esses conteúdos no corpo, verdadeiros rastros da experiência vivida. Antes de dar origem a qualquer movimentação, é importante construir uma memória corporal que absorve estéticas, éticas e simbologias. Entendo que durante a composição situada, essa memória é constantemente consultada dentro de uma lógica de implicação simultânea e recíproca. Caminhei até o centro da praça, fechei os olhos e reparei na diversidade dos seus sons. A diversidade é característica de zonas limiares, onde as fronteiras do espaço urbano, visíveis e invisíveis, se borram.

### 4) PROVOCA OS TEUS MOVIMENTOS. // BRINCA.

Comecei a me movimentar pela praça buscando provocar tensionamentos, estranhamentos e fricções entre esses limiares. **Um homem, que parecia estar bêbado, colocava música em uma caixinha de som.** Me aproximei e lentamente dei início a uma dança ao som daquela música. Percebi os olhares curiosos ao meu redor. No momento, eu me perguntava se o mesmo estranhamento seria causado caso eu fosse um morador de rua, ou outro bêbado maltrapilho, ao invés de um homem branco de aparência bem-cuidada. Agradei ao homem que colocava a música e saí correndo para um outro lado da praça. Sentei num banco de concreto e uma mulher, sentada ao meu lado, puxou assunto. Ela era prostituta, disse que o movimento de clientes naquele dia estava difícil, tudo estava difícil... mas o importante era estar com saúde. Concordei e conversamos mais um pouco. Em um dado momento, comecei a interagir com o pessoal do INCITI que estava espalhado pela praça. Natan me ensinou alguns movimentos de artes marciais. A partir disso, Pedro e eu começamos uma dança improvisada que evoluiu para uma brincadeira. Quando menos esperamos, toda a praça estava envolvida numa brincadeira de pega-pega. Mesmo quem não estava brincando, estava envolvido com olhares ou com risadas.

Já era noite quando decidi iniciar a caminhada de volta ao INCITI. Percebi que se dependesse de alguns integrantes do nosso grupo, teríamos ficado por mais algumas horas naquela brincadeira.

Em pouco tempo, a praça havia se tornado um quintal de casa.

### 5) REFLETE E RESPONDE: O QUE TE FAZ MOVER? \ \

Naquele dia, acredito que todos nós voltamos da rua com a cabeça inquieta. Chegamos à sede do INCITI e fizemos uma breve roda de conversa para recuperar e compartilhar alguns dos acontecimentos da tarde que passara. Djair nos fez um relato curioso. Segundo ele, assim que chegamos à Praça do Diário, uma mulher, que trabalhava como prostituta, aproximou-se dele e, com uma certa agressividade, o perguntou: “você tem medo de mim?”. Djair a devolveu a pergunta e eles entraram numa conversa que durou alguns minutos. Ao final, bastante emocionada, a mulher fez um sincero agradecimento a Djair, apenas por ele tê-la ouvido durante aquele tempo.

É urgente repensarmos nossa ideia de cidade. Quem tem direito a ocupá-la? Quem produz a cidade e para quem ela é produzida? O que sobrevive nas brechas e resiste às estratégias de um planejamento urbano que soterra a existência do Outro nos espaços públicos? **Ocupar a cidade, seja com dança ou apenas caminhando, é, além de tudo, ter autonomia.** É ser condutor da sua ação, diretor do seu espetáculo. É o exercício do direito a “dar espetáculo” como uma reafirmação do seu direito à cidade. Assim como Ana Clara Torres Ribeiro nos revela, esse é “um direito que, para o sujeito, corresponde ao direito de ser visto, lido e conhecido em seus próprios termos e, assim, com a máscara e o roteiro de sua escolha”<sup>1</sup>. É ser outro e ser vários. Os atuais processos de produção da cidade, nos quais a lógica do mercado se sobrepõe às demandas da população, buscam invisibilizar a existência desse Outro. Gerar fricções, criar relações e lançar o olhar sobre as práticas dos sujeitos invisibilizados - o bêbado, a prostituta, a moradora de rua, o andarilho que vende seu artesanato, os caminhantes, os idosos, os portadores de deficiência... - é subverter essa lógica excludente.

Convido todas e todos a dançarem [com] suas cidades. Deixem-se provocar por essas instruções abertas. Registrem suas experiências e reflitam sobre o que fica gravado no seu corpo como rastro dessa vivência corporificada. Por que não criar sua própria pauta, seu “método” particular e sensível de olhar para a cidade e seus espaços públicos? Não há um jeito único ou “correto” de se estudar a cidade. Cada um pode criar sua metodologia própria para enxergar as questões urbanas, contanto que o Outro e sua diversidade esteja inserido nesse processo. Que sejamos sujeitos conscientes da nossa ação, para gerarmos cidades sustentáveis, sensíveis, humanas. ▲

<sup>1</sup> RIBEIRO, A. C. T. Dança de sentidos: na busca de alguns gestos. In: JACQUES, P. B., BRITTO, F. D. (org.) Corpocidade: debates, ações e articulações. Salvador: Edufba, 2010, p. 32.



# A INOVAÇÃO E O DILEMA SANDBOX

As inovações para os desafios sociais, econômicos e culturais deste século são, em sua maioria, ancoradas nas tecnologias da informação e comunicação. Existe um consenso no investimento em formação de novos empreendedores e fazedores e no fomento de soluções disruptivas com ciclos de aprendizagens amigáveis e dados tangíveis aos diferentes tipos de consumo. Mesmo com uma reconhecida entrega de valores à sociedade, até que ponto os modelos de inovação em vigência geram influências nas constituições sociais, culturais e de pertencimento dos cidadãos sobre seus territórios?

Quando uma agenda de governo direciona para um modelo de inovação pautado no incentivo da robótica na escola, por exemplo, algumas questões são essenciais para compreender o real papel dessa política. A quem interessa uma formação massiva de *Makers* e empreendedores? Existem propostas políticas e pedagógicas em debate? As experiências tecnológicas estão conectadas com os desafios da cidade na instância do bairro e da rua? Existem modelos de governança em andamento? Essas e outras perguntas acenam para um desafio comum: a construção de modelos de inovação como política de Estado: aberta, distribuída e diversa.

O movimento *Maker* tem notoriedade no ecossistema de métodos e processos para transitar conhecimentos entre *experts* e amadores. No ambiente educacional, a metodologia STEAM<sup>1</sup> objetiva a integração entre corpo docente e discente em busca de uma oxigenação criativa na educação. São projetos de experimentação e fabricação de dispositivos e aplicações com foco nos desafios da sociedade. Trata-se de um método que converge a criatividade pulsante da juventude com o papel da escola enquanto dispositivo político. O resultado desse processo busca, entre outras, a formação de pessoas com habilidades tecnológicas e sociais apuradas.

Apesar dessa proposta saltar os olhos dos gestores e da sociedade, na prática ela está longe de ser uma ação efetiva. Uma grande parcela das escolas continuam a replicar métodos lineares de ensino aliados às doutrinas militares de obediência de classe. A promoção da intolerância, da homofobia e do racismo ainda são constantes. Ainda é notória a completa desconexão com o entorno espacial da instituição escolar. Os desvios dos reais problemas locais como saneamento, segurança e mobilidade ainda são entraves pedagógicos que perduram. No âmbito tecnológico, as estruturas dos laboratórios continuam isoladas, as redes sem fio seguem protegidas para que não haja acesso e os *tablets* ainda soam como objetos estranhos ao corpo docente, geralmente são bloqueados no final do ano letivo para evitar o roubo.

## E COMO ALTERAR ESSE CENÁRIO?

Alguns modelos de inovação, especialmente aqueles aplicados em grandes *clusters* tecnológicos, combinam elementos como educação, experimentação e empreendedorismo como ingredientes para a geração de novos negócios rentáveis. Uma estratégia de mineração de criatividade e conhecimento para garantir novas fontes de sustentabilidade econômica. De outra perspectiva, existem modelos de arranjos produtivos locais e em rede, advindas principalmente das aglomerações, que desenvolvem singularidades para as majorias—para não dizer as minorias—e pautam a constituição de uma economia mais inclusiva, plural e que respeite às diferentes dinâmicas sociais e culturais dos territórios.

Nos modelos de inovação vigentes, os principais investimentos do Estado são utilizados para a construção de centros de excelência acadêmicos e empresariais e para o fomento de novos empreendedores a fim de atender a uma crescente indústria do conhecimento. Nas outras instâncias de inovação, o debate continua sendo as táticas de sobrevivência diante de tantos desafios impostos.

Mestre em ciências da computação pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua como pesquisador de tecnologias sociais e de inovação para as cidades. Possui experiência como inventor aparatos interativos, interfaces criativas multimodais e intervenções na rede através de games online e dispositivos para Internet das Coisas.

rbrz@3ecologias.net

Diante disso, é razoável dizer que as políticas voltadas à inovação ainda não consideram estratégico a integração da sociedade como protagonista dos modelos econômicos futuros.

**A INOVAÇÃO CRIA UMA ESPÉCIE DE MAGNETISMO DE ESPECIALISTAS COM UM OBJETIVO ÚNICO: ATRAIR NEGÓCIOS INDEPENDENTE DA REALIDADE E NECESSIDADE DO TERRITÓRIO.**

Existem conflitos no conceito e na prática da inovação que atuam como barreiras para o desenvolvimento de soluções sustentáveis em escala. Apesar de nascer com uma visão libertária, onde tem na colaboração seu principal trunfo, a chamada “nova revolução industrial” atua dentro de uma *Sandbox*, uma caixa de areia de domínio dos especialistas. Fora da caixa, existe uma enorme grama onde reside o território do cidadão comum.

A *Sandbox* pressupõe um conflito: dentro da caixa, a areia é um recurso. Fora dela, um transtorno. A areia fora da caixa não torna a grama uma praia, apenas destrói sua paisagem. Por outro lado, a grama dentro da caixa é tratada como nociva.

A metáfora da *Sandbox* é excelente para dissertar sobre o papel da inovação na sociedade. A indústria cognitiva de base tecnológica cria aparatos para a sociedade mediante recrutamento de talentos desde a escola até a sua caixa de areia, porém, não consegue gerar impacto para além de suas bordas. **O que vemos é uma instrumentalização social a partir de aplicativos funcionais que visam a coleta, a visualização e o compartilhamento de dados em prol da promoção de negócios que não entregam soluções para áreas mais emergentes e estratégicas.** Esses negócios estão geralmente desconectados das reais necessidades do espaço, do território e da constituição de um bem comum.

O engajamento nos desafios urbanos ainda estão apáticos e o fomento às ‘cidades inteligentes’ através de dispositivos de ‘Internet das coisas’ refletem essa mesma opacidade. Os investidores buscam apropriar-se de dinâmicas sociais em troca de entregas utilitárias, cognitivas e sistêmicas. Os produtos visam eficiência e customização sem considerar os interesses dos territórios em solucionar suas angústias a partir das suas próprias redes locais, seus afetos e diversidades. De fato, parece estratégico, para esse modelo, ignorar que fora da caixa existe uma gama de espaços de aprendizagem, fértil e disponível.

Os modelos de inovação precisam experimentar formas de articulação que desestabilizem as normas e tendências vigentes.

As ocupações nas escolas do ensino médio e nos institutos de educação superior contra os limites nos gastos públicos apontam para um modelo de inovação possível: um coletivo de pessoas e atividades com pautas decisivas para a sociedade que atuam em equipamentos e infraestruturas públicas a fim de preservar os ganhos sociais e os conhecimentos locais para as próximas gerações. Dentro da caixa, a inovação está centrada no objeto como mais uma ferramenta de consumo, atrativa e utilitária. Fora dela, esse mesmo objeto permite a construção de um sentido de democracia, ou seja, ele agrega e permite o momento onde as pessoas atuam juntas em torno de suas angústias, indignações, opiniões, interesses e, ao mesmo tempo, elabora uma fuga sobre o modelo baseado no consenso.

**A disputa por uma equalização nos modelos de inovação é emergente, saudável e necessária.** Ela reconstrói uma narrativa onde tanto as experimentações culturais e tecnológicas advindas dos desejos das pessoas e seus pares, seja nas escolas ou espaços públicos, quanto as soluções inovativas dos centros de excelência, promovidas pela academia e pelo setor empresarial, são importantes para a melhoria nas condições de vida. Todos os lados precisam ser respeitados. ▲

A PROMOÇÃO DA INTOLERÂNCIA, DA HOMOFOBIA E DO RACISMO AINDA SÃO CONSTANTES. AINDA É NOTÓRIA A COMPLETA DESCONEXÃO COM O ENTORNO ESPACIAL DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.



# CASA-NÔMADE (AFETIVAÇÕES URBANAS)

Já quis ser marinheira, curandeira, cartógrafa, carteira, fotógrafa, jardineira, geógrafa, cantadeira, escritora, etc. Como artista-educadora é de tudo isso um pouco. No mais, está professora colaboradora da Licenciatura em Artes Visuais da UFPE e integrante do Xingó (Grupo de dança-teatro, pesquisa de linguagens e investigação de poéticas).

[anninha.piccolo@gmail.com](mailto:anninha.piccolo@gmail.com)

<https://casanomade.wordpress.com/>

o despertador tocou!

Levantei ofegante, coração palpitante. Acho que foi só um pesadelo, mas parecia tão real... O cenário que vi me causou desespero: nossa sala não era mais esse espaço de 5x4m no térreo da casa; tinha se transformado na praça, nas ruas, na beira da lagoa, nos canteiros, parques, pontos de ônibus, postes. Nossa sala tinha se transformado em todo o espaço público! Assim como a sala, todos os outros cômodos foram se desacomodando. De repente percebi que nossa casa era a cidade inteira! E, nossa, como ela tava bagunçada! Não sei porquê, nem quando, nós tínhamos resolvido escolher, a cada quatro anos, um organizador oficial pra colocar ordem na casa. Achávamos, quem sabe, que assim nos sobriaria mais espaço pro tempo livre. Doce ilusão! Isso de eleição só fazia aumentar a confusão. O tal organizador terceirizava seu serviço, deixava tudo nas mãos da forasteira especulação imobiliária. Ela, em troca, oferecia o financiamento de toda campanha partidária. Juntos, eles foram transformando a casa sem pensar nas vontades e necessidades da maioria dos moradores. Deixavam o medo e o abandono tomarem conta do terreno. Nenhum novo parque, nenhuma nova praça, ninguém podia encostar na grama, nada de lugares pra sentar, se encontrar. A sala era um enorme lugar de passar! A estratégia era que perdêssemos a vontade de ficar no espaço público, assim ele perderia sua função como nossa sala de estar, se transformando em hall dos espaços privados e murados deles. Sem nosso espaço de encontro não poderíamos nos articular, nem causar nenhum confronto. Nós íamos nos desconhecendo. Seguíamos só passando, lado a lado, compartilhando nossas solidões a caminho do trabalho. Nosso tempo livre não tinha mais onde morar. Eu não sabia mais com quem estava morando. Não existia mais laços entre as pessoas, muito menos nós. Fui ficando assustada. Tentava falar mas continuava calada. Enquanto toda aquela atrocidade ia tomando conta da cidade, nós permanecíamos imóveis. Éramos meros locatários de nossa casa própria. O despertador tocou! Levantei ofegante, coração palpitante. Acho que foi só um pesadelo, mas parecia tão real...

Carroças, cavalos, carros antigos e alguns novos, bicicletas, bici-táxis, motos, triciclos, mas sobretudo gente, muita gente! Dois meninos correm tentando fazer a pipa (feita de sacolas) subir, outros três jogam beisebol, um casal se beija encostado no poste, quatro mulheres sentadas na varanda fazem as unhas e conversam sobre a vizinhança, quatro homens jogam dominó sentados à mesa colocada no canto da rua, logo ao lado deles um jovem desmonta sua moto para consertar algum problema mecânico. Todos escutam música, todos são música. O reggaeton do radinho chiado convive com o canto dos galos e passarinhos. Mesmo à noite, as casas estão de portas abertas. Os vizinhos se conhecem, se ajudam, se misturam. Ninguém tem medo da rua!

sobre como a rua pode ser casa da convivência  
Guantánamo- CUBA

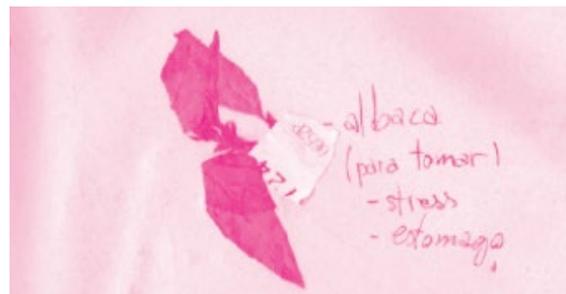
"Nós temos direito de fazer parte daquele paisagem"

"Recife, cidade rolada" - filme

Plantas de Poder:  
comigo-ninguém-pode

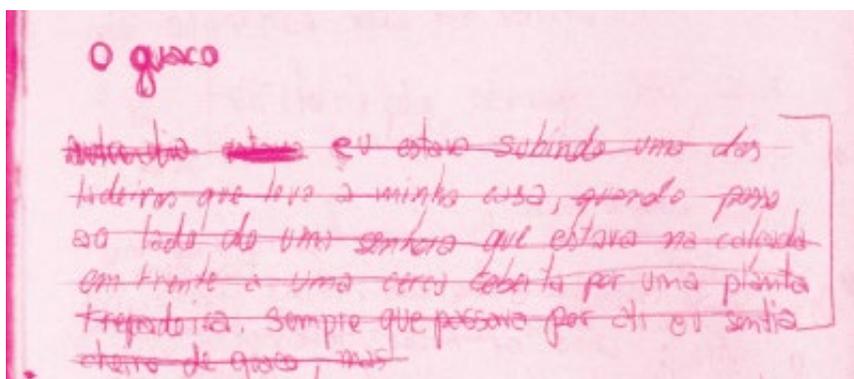
"Como ustedes consiguen vivir en una sociedad así?"

sobre quando a Esperanza (uma amiga) se assustou com a existência de moradores de rua no Brasil.



Plantas Medicinales La CUBA LIMPIEZA FUERZA





Outro dia, subindo uma das ladeiras que leva à minha casa, fui abordada por uma senhorinha (assim no diminutivo, padrão açoriano de altura). Com uma sacola na mão, em frente à uma cerca de arame coberta por uma trepadeira, ela ia coletando folhas da planta enquanto me dizia: “É guaco, filha. Pode pegar também.” Toda vez que passava por ali eu sentia cheiro de chá. Cheguei até a arrancas algumas folhas de lá, mas ainda não tinha conseguido identificar o que era. Pois bem, a senhora estava respondendo minha questão. Resolvi então me juntar a ela naquela colheita. Em alto e bom “manezês”, Dona Maria foi me contando que achava que os donos da casa não estavam por ali. Ela os conhecia de vista, pois sua filha mora duas casas ao lado. Olhando para os lados, Maria me dizia e repetia: “Tem tanto, não vai fazer falta pra ela. E guaco é tão bom né... Pega, filha, pode pegar! Pega mais!” Por um momento percebi que nossa colheita não estava autorizada. Enquanto seguíamos conversando, um moço chegou e foi entrando na casa, sem nos dar muita atenção. Antes que ele fechasse totalmente o portão, Maria lhe perguntou se aquela planta era guaco mesmo, como que puxando assunto. O moço fez que sim com a cabeça e nós (já cúmplices naquela subversão) nos sentimos um pouco mais autorizadas a seguir coletando nossos futuros chás, xaropes, melzinhos... Peguei umas dez folhas grandes de guaco, agradei à Maria pela dica e pela boa conversa e voltei a seguir meu caminho para casa. Duas semanas depois, descendo a mesma ladeira, passei em frente àquela casa. O guaco havia sido dilacerado: o arame da cerca, antes coberto pelo verde cheiroso, estava agora totalmente aparente. Algumas folhas secas, já sem cheiro, se misturavam à poeira do chão. Nada mais ali chamava atenção de ladrão!

sob a sobreposição de convivências  
 Florianópolis-SC



O carbono-capital sobe à cabeça, congestionada, dói, até que tudo o que pensa em todos se corrói. Ambulâncias e polícias circulam pelas veias entupidadas, violentas vias, sanguíneas áreas. A pele se arma de concreto, num tom cinza-decreto. Sem trato direto, sem tato. Afeto? Tantos sem teto! Olhar tangente. Tanta gente perto, tão longe, buscando um tal “certo”. Paladar caledado, cansado de tanto nada mastigado. Difícil digestão, tudo duro, tudo muro, tudo murro. O pulmão, asfaltado, suspira calado, feito rio canalizado-sufocado debaixo do chão. O coração, músculo involuntário, segue batendo, sem-salário. Revolução vai ser o dia em que ele aprender a dizer NÃO! Quando perceber qual modelo de corpo-cidade-sociedade seu trabalho leva adiante, bem capaz de ter um infarto fulminante.

sob a falência múltipla dos órgãos públicos  
 São Paulo-SP

# UTOPIAS PRIVADAS

## UM BREVE OLHAR PARA A PUBLICIDADE IMOBILIÁRIA

Arte-educadora, desenhista e jornalista graduada pela UFPE. Tem desenvolvido pesquisas sobre formas de representar a cidade, intervenções urbanas e instalações.

marcela.lins@gmail.com

O olhar a este objeto surgiu ainda durante minha graduação, no curso de Jornalismo da UFPE, no ano de 2014. Na época, eu tinha uma bolsa de iniciação científica e pesquisava em jornais da década de 70. Lembro de, para além do meu real objeto de estudo - o projeto do Complexo Industrial e Portuário de Suape e sua veiculação na imprensa - encontrar anúncios esdrúxulos, que vendiam casas e apartamentos. A citar alguns exemplos: “Dois apartamentos [...] na última reserva aristocrática do Recife”, “Você vai desfrutar do privilégio de morar em uma casa de luxo” e “Quanto custa uma vida de rico?”. Me vi ali diante de um léxico aristocrático e escandalosamente excludente. Esquadrias de alumínio, azulejos diferenciados, *halls* artisticamente decorados e arquitetura arrojada demarcavam *status* e distinção. E foi a partir desta primeira inquietação que me propus a pensar as construções retóricas da publicidade imobiliária ao longo dos anos e suas contradições, permanências e implicações nos nossos modos de ser, estar e habitar a cidade. Aqui, lanço algumas reflexões.

Não sou muito afeita ao argumento fatalista de que “tudo é linguagem”, mas evoco Norman Fairclough, analista do discurso da tradição anglo-saxã, para pensar a linguagem como uma via de mão dupla, como um campo discursivo que estabelece uma relação dialética com a prática material significante e, portanto, não só reproduz estruturas, mas as reinventa; não só reflete entidades e relações sociais, mas as constrói. Dito isso, analisar o discurso da publicidade imobiliária é pensar uma importante faceta das formas em que são significadas nossas vidas nas cidades e nossas formas de habitá-las.

Enxergo a publicidade, em sua forma hegemônica, como um discurso estratégico que tem por função essencial agregar valor simbólico à mercadoria. Em anúncios de imóveis de luxo da cidade do Recife, é comum a exaltação de determinadas características, tornando-as desejáveis e até mesmo necessárias. Não raras vezes observamos apartamentos serem vendidos com “varanda gourmet”, “espaço grill” e demais ambientes da moda.

Não creio que caiba neste momento apresentar uma extensa análise de anúncios recolhidos ao longo dos anos. Ilustro este texto, portanto, com um único material: um vídeo transcrito da campanha do Evolution Shopping Park, um *home resort* da Moura Dubeux lançado em 2012, por acreditar que ele sintetize muitas das questões que desejo aqui tratar.

São várias opções de entretenimento para que seu filho tenha o máximo de diversão sem sair de casa. (...) Desde a entrada, é percebido o cuidado com a privacidade, já que cada torre tem seu acesso por via independente, garantindo total segurança. Além disso, todas as vagas são cobertas. O Evolution é diferenciado em todos os sentidos. O hall social de cada uma de suas torres leva a assinatura de um grande arquiteto. (...) Sem dúvida, o Evolution é um lugar exclusivo onde você pode ser tudo que quiser sem sair de casa. Aqui sua vida acontece.

Se minha primeira afetação diante das construções discursivas da publicidade se deu a partir do estranhamento com afirmações tão enfáticas da distinção por via do consumo, hoje se dá pelo senso tão veemente de exclusão e de negação de uma dinâmica heterogênea das cidades.

É evidente que as vozes não são unívocas, mas podemos, sim, demarcar a existência de práticas que parecem naturalizar certas formas de vida na cidade. Eni Orlandi, analista do discurso da tradição francesa, nos ajuda a respaldar esse ponto de vista a partir de um conceito muito pertinente: a *memória urbana*. Para Orlandi, a memória urbana corresponde a concepções que são naturalizadas acerca da vida na cidade: as calçadas como espaços de trânsito, as ruas como espaços de locomoção e o próprio senso de espaço público - para a autora, tais relações são criações simbólicas que podem ser, sim, ressignificadas. Não há uma relação dura, literal, entre o significante [a calçada] e o significado [a calçada enquanto espaço de trânsito], o que ocorre é o funcionamento da linguagem e um consequente *efeito de evidência*.

Dito isto, se sofisticados equipamentos de segurança, muros e distinção no modo de viver são elementos ressaltados na fabulação publicitária, observamos um efeito de evidência na narrativa do medo e da exclusão na vida urbana. Ou, dito em outros termos, observamos a legitimação de práticas que rompem com a dinâmica sujeito-rua - a vida somente acontece dentro dos lares. As utopias são agora privadas.

Aqui, acho que é importante um retorno a um ponto já ressaltado: a publicidade é um discurso estratégico e seu discurso não existe por si - ele existe em sua interdiscursividade com outros textos de agentes das demais esferas da vida social e existe na relação às demais práticas simbólicas. Ao passo que o discurso imobiliário exerce uma importante função nas construções simbólicas de mundo, existe também um agenciamento muito evidente. Dito isso, pensemos: quem é este sujeito consumidor? Como nós significamos nossa vida na cidade?

### OS NOVOS ARES DA PUBLICIDADE IMOBILIÁRIA?

Sabemos que o capitalismo é muito astuto em suas práticas simbólicas. Ele se reinventa e a hegemonia, termo que tomo emprestado de Gramsci, se desloca. Só para citar alguns exemplos: o discurso ecológico e da sustentabilidade tornaram-se lugar-comum e, não raras vezes, estampam anúncios publicitários e estão em grandes narrativas compartilhadas.

Nesse sentido, no exercício de reobservação deste objeto, encontrei uma surpresa: a já citada Moura Dubeux deu início a uma campanha intitulada *Minha cidade meu lugar*, disponível em seu canal do YouTube, na qual moradores falam, em vídeos promocionais, sobre afeto e sobre como as cidades são importantes na constituição de suas identidades, como no vídeo sobre o bairro da Torre, onde uma moradora fala de sua relação com o local, um historiador discorre sobre a história da região e o padre da Igreja de Nossa Senhora do Rosário assume seu amor ao bairro. Ou o vídeo sobre o Rosarinho, onde moradores entoam a marcha Madeira do Rosarinho, enquanto assistimos a imagens da vida corriqueira, das pessoas simples e de imponentes edifícios.

Honestamente, não sei se já podemos apontar uma nova tendência dentro das construções retóricas da publicidade imobiliária. A campanha nos (ainda) soa como um ponto fora da curva - muito embora saibamos que é prática comum do capitalismo a apropriação de discursos de resistência. Diante disso, será que podemos intuir a existência de práticas discursivas da publicidade local que remetam às outras formas de fabular a vida na cidade? Fiquemos atentos. ▲



# ALQUIMIAS DE QUINTAL

Arquiteto urbanista. Desenvolve trabalhos em design, arquitetura e pesquisas urbanas, além de atuar em projetos que abordam o direito à cidade e a construção tática do espaço com parceiros como o LabCEUs, JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia e a Escola Aberta.

[marcusfmaia@gmail.com](mailto:marcusfmaia@gmail.com)

ALQUIMIAS DE QUINTAL surgiu de um desejo de investigar, experimentar e construir uma interface de comunicação para as trocas sensíveis existentes na região de Venda Nova e suas reverberações. Num momento de crise política e de questionar as relações estruturais, a tarefa de discutir, partilhar e vivenciar o que é sensível é um ato de resistência e também uma retomada às formas de sociabilidade e formação alternativas à lógica hegemônica do consumo. Para além disso, a ação de conceber ao espaço doméstico a função de valor de uso e não potencial construtivo se define como uma prática antagônica à especulação imobiliária, que entende o espaço privado enquanto uma mercadoria.

Neste sentido, o trabalho permeou entre quintais produtivos da região de Venda Nova em busca de denominadores comuns de produção não apenas de matéria, mas também de outras subjetividades. No território investigado, foi constatada imediatamente uma reincidência entre os moradores na fabricação de produtos de limpeza - sabões de várias qualidades, água sanitária, amaciante, entre outros.

É importante ressaltar aqui que a região de Venda Nova, localizada no extremo norte de Belo Horizonte, antecede a própria existência da capital mineira. Sua história é narrada pelos antigos moradores da região, que presenciaram a mudança no espaço ao decorrer dos anos. O córrego onde se nadava e que abastecia hoje, abriga a Av. da República e uma rede de esgoto. Já as antigas fazendas hoje abrigam circunstâncias urbanas como conjuntos habitacionais, posto de saúde e comércios.

Neste cenário, o conceito de alquimias aponta à transformação por meio de combinações de matérias a um produto final, usando sobretudo os recursos da memória perpetuada entre famílias, dos saberes populares, da partilha de conhecimentos aliados à criatividade. Essas inteligências não são somente preservadas, mas também cotidianamente reinventadas a partir do que é disponível ao alcance dos seus agentes e do seu círculo social. Por exemplo, se são disponíveis folhas de mamão ou limões nesses quintais ou em outros da vizinhança, eles são distribuídos e funcionalmente incrementados nas receitas. Mais que um fortalecedor de relações de vizinhança, esse tipo de solidariedade apresenta um enfrentamento às macroindústrias de fabricação de produtos de consumo doméstico.

Durante o projeto, nos reunimos com 11 produtores, ora em seus quintais, ora tendo o centro cultural como ponto de encontro. Nas visitas aos quintais, a caminhada em uma extensão desconhecida por nós, por si mesma se tornou uma prática estética, uma vez que os encontros se realizavam de maneira imprevista, ao peregrinarmos pela região, por indicações e por convites. Era possível localizarmos as residências através de referências como o córrego, comércios e por direções que nos eram dadas por pedestres locais. O devir entre pontos de destino e chegada não específicos, se tornou o objeto do trabalho necessário e tão importante quanto os encontros.

Os quintais produtivos se referem de uma forma ilustrativa aos espaços privados onde são fabricados os produtos de uso particular. Nesse caso, os quintais se apresentaram em diversas formas, como a própria horta compartilhada do centro cultural, o chão de uma cozinha que abriga uma pequena fábrica de batata frita, e em outros casos como a própria extensão da área externa das casas. No decorrer do trabalho, as receitas ganharam ilustrações, diagramas e textos pautados pelas conversas com os moradores de Venda Nova. Em resposta aos encontros, o resultado do trabalho gráfico, que conta com 11 receitas, foi disponibilizado para o público do centro cultural em blocos de papel impresso e por plataforma online. > [www.issuu.com/coletivoplanta/docs/alquimiasdequintal\\_planta](http://www.issuu.com/coletivoplanta/docs/alquimiasdequintal_planta) <

Para mais, o trabalho de catalogação de produtividades nesses quintais se estendeu ao nosso próprio espaço de trabalho, onde experimentamos algumas das receitas captadas. Parte do resultado desses ensaios foi distribuído entre os membros do coletivo, enquanto outra foi distribuída durante a ação com o dispositivo móvel do JACA. O projeto foi desenvolvido pelos arquitetos Marcus Maia, Rafaela Perret e Ricelle Alonso, com a colaboração da estudante de Arquitetura e Urbanismo Gabriella Stephany, entre os meses de Maio e Agosto, apoiado pelo JACA - Centro de Arte e Tecnologia Jardim Canadá e pelo Centro Cultural Venda Nova, como parte do projeto Reboque. ▲

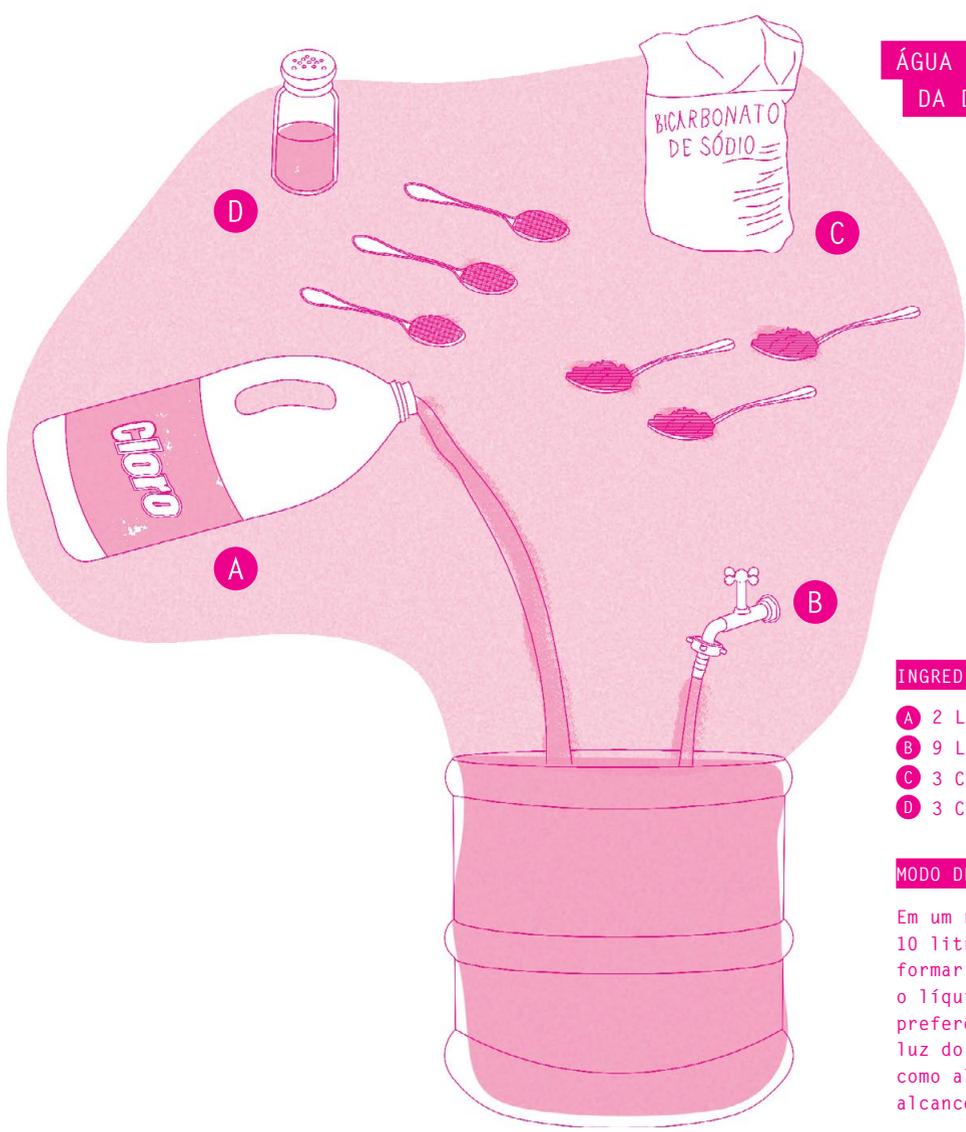
*Texto, organização, concepção da proposta: Marcus Maia*

*Projeto gráfico: Marcus Maia e Gabriel Braga*

*Investigação: Marcus Maia, Ricelle Alonso, Rafaela Perret*

*Colaboração: Gabriella Stephany*

*Agradecimentos: às equipes do JACA e do Centro Cultural Venda Nova e a todos os moradores de Venda Nova que foram colaboradores deste trabalho.*



### ÁGUA SANITÁRIA DA DONA ANA

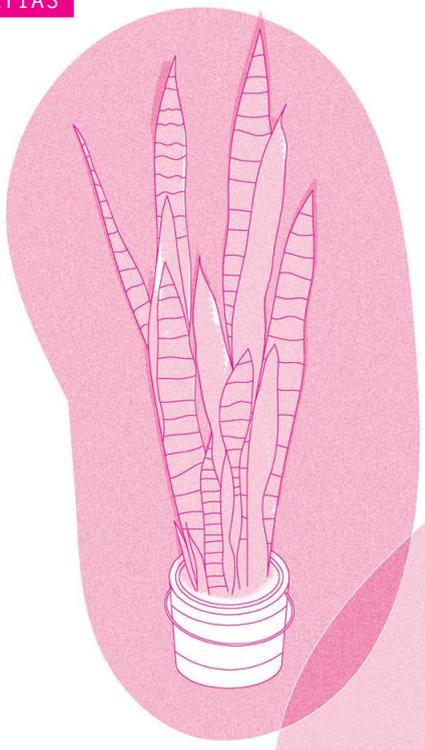
#### INGREDIENTES

- A 2 LITROS DE CLORO
- B 9 LITROS DE ÁGUAS
- C 3 COLHERES DE BICARBONATO
- D 3 COLHERES DE SAL

#### MODO DE FAZER

Em um recipiente com capacidade para 10 litros, misture os ingredientes até formar uma mistura homogênea. Reserve o líquido em recipientes escuros, de preferência, pois o cloro evapora à luz do sol. Identifique os recipientes como alvejante e mantenha-os longe do alcance das crianças.

### SIMPATIAS



#### ESPADA-DE-SÃO-JORGE

A planta é colocada nas portas de entrada das casas para protegê-las do mau-olhado e trazer prosperidade (que chega mais rápido se as folhas tiverem bordas amarelas).



#### BABOSA

O gel no interior da planta possui alto poder antibacteriano, hidratante e cicatrizante e, por isso, é utilizado para tratar problemas de pele como queimaduras, alergias e acne. Já no cabelo, é consumido para controlar a oleosidade, tratar a caspa e a perda de cabelo. O gel pode ser aplicado diretamente sobre a pele ou cabelo ao ser removido da folha, ou dissolvido em um pouco d'água. O efeito nos cabelos será melhor caso o procedimento seja realizado em noite de lua cheia.



As articulações políticas dos movimentos sociais urbanos, via de regra, iniciaram sua atuação reivindicando acesso aos direitos mais básicos para a sobrevivência da população. Habitação, educação e saúde apresentam déficits tão emergenciais a ponto de qualquer outra instância de direito à vivência cotidiana nas cidades ser questionada. Contudo, o acúmulo de experiências urbanas da prática socioespacial, especificadamente suas díspares condições, fez emergir discussões sobre modos alternativos de ver e planejar a cidade (CARLOS, 2007). Desde a década de 1990, há uma conflituosa trajetória de disputa pelo território no centro da cidade de São Paulo protagonizada por movimentos de moradia e diversas mobilizações urbanas, ora mais, ora menos intensas (GOHN, 2008). Observou-se que a luta por moradia e a resistência intrínseca a ela reivindica também a habitabilidade urbana. Pode-se dizer, dessa forma, que os movimentos sociais urbanos de transformação espacial são consequências de expressões sociais abrangentes, que dizem respeito ao direito de apropriação do espaço e da vida urbana, ao direito à supervivência.

Uma das iniciativas que compuseram este momento de ruptura da experiência urbana em São Paulo foi o Festival Baixo Centro (2012-2013), que originou-se do encontro interdisciplinar de jornalistas, produtores culturais, designers, profissionais autônomos e pessoas engajadas em ativismo cultural. De estrutura organizacional aberta, horizontal, autônoma e autogerida, o objetivo do evento era empoderar os cidadãos através do acesso aos direitos legislativos de ocupação ativa das ruas. Sua principal estratégia de mobilização foi utilizar-se da amplitude de alcance favorecida pelas redes virtuais. Por serem multiformes, as redes possibilitam, acima de tudo, a transposição de fronteiras territoriais, articulando as ações de diversas localidades; temporais, lutando pela indivisibilidade de direitos humanos de diversas gerações históricas; e sociais em seu sentido amplo, compreendendo o pluralismo de concepções de mundo dentro de limites éticos, o respeito às diferenças e a radicalização da democracia através do aprofundamento da autonomia da sociedade civil organizada (SCHERER-WARREN, 2005). Utilizando-se de plataformas virtuais, foi realizado o financiamento coletivo que viabilizou a materialização do Festival e organizou-se uma chamada aberta de projetos independentes, na qual foram inscritos aproximadamente 100 projetos na primeira edição e 500 projetos na segunda.

Um dos projetos inscritos foi do coletivo Basurama Brasil, extensão de um coletivo espanhol criado em 2001, que realiza projetos de arte e design para a transformação social mediante estratégias lúdicas e participativas. Seus projetos abordam o lixo e os processos relacionados com sua produção na sociedade de consumo, produzindo instalações e brinquedos com materiais reciclados. Em parceria com os coletivos Muda e Sociedade Anônima, foi proposta a construção do “Parque de diversões do Minhocão”<sup>1</sup>, composto por três intervenções lúdicas: a área aquática, o zoológico e os balanços, todas simbólicas e performáticas, consonantes com o objetivo do Festival de hackear o viaduto. A partir de uma convocatória pública vinculada à divulgação do Festival, houve uma chamada aberta para quem quisesse participar das oficinas coletivas de construção dos brinquedos, dos balanços e da cenografia do zoológico, realizadas no espaço da Escola da Cidade, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo localizada na região central da cidade. As oficinas coletivas compartilharam o conhecimento e as possibilidades de instrumentação envolvidos no processo de viabilização das intervenções urbanas. O conceito de disponibilizar as tecnologias sociais de bens comuns e construir juntos proporcionava uma atuação política de capacitação dos envolvidos, para que a intervenção tivesse meios de ser reproduzida em outros espaços.

Os balanços, projeto denominado “Balançar, eu adoro!”, foram construídos com a reutilização de pneus suspensos por cordas presas ao viaduto. A princípio uma intervenção muito simples, mas que carregou a potência de transformar a ambiência, o visual e a funcionalidade de um espaço antes não convidativo, marcado por barreiras invisíveis que inibem seu uso cotidiano.

1 Minhocão é como ficou popularmente conhecido o viaduto Elevado Presidente João Goulart, localizado na região central da cidade de São Paulo.

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Desenvolve pesquisas sobre movimentos sociais urbanos contemporâneos de apropriação de espaços públicos e é pesquisadora do grupo CNPq Habitares - Humanizar o Habitar e a Cidade.

biancasilvajo@gmail.com

Arquiteta e urbanista, Professora Associada Livre Docente na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Desenvolve pesquisas que envolvem: conceitos humanizadores no projeto e na cidade; desenho urbano e cidades sustentáveis; Apropriação do Espaço Público, Metodologia e Processos participativos de projetos. É líder do grupo de pesquisa CNPq Habitares.

smikami@fec.unicamp.br

Essa transformação ocorreu principalmente pelo uso do espaço e a alegria que as pessoas começavam a trazer para aquele lugar: durante o período em que os balanços estiveram instalados, uma mulher e sua filha relataram que costumavam demorar cerca de dez minutos do percurso da escola para casa. E que, depois da presença dos balanços, esse percurso se prolongava em mais meia hora; “meia hora fundamental para a vida urbana e para a cidade, pois dá vida ao lugar, fiscaliza a rua, brincando e fazendo o urbanismo de Jane Jacobs, de estar no espaço público e estarmos juntos” (RODRIGUES, 2017)<sup>2</sup>. Este símbolo de utilização saudável do espaço, na qualidade de memória coletiva que transporta as pessoas para a infância, revela a potência do lúdico em atingir diferentes percepções das pessoas e atribuir novos sentidos aos lugares. A potência de transformação dos lugares observada a partir da implantação dos projetos, incita a percepção do lúdico como uma forma antropológica de se criar colaboração e comunicação entre as pessoas, representando uma nova abordagem de recuperação social a partir do espaço, onde o preconceito cotidiano com a diversidade de condições sociais é amenizado.

O fato das pessoas se depararem com novas configurações de espaços públicos faz com que elas desenvolvam senso crítico e político da sociedade e cidade em que vivem, é uma construção coletiva (...) quando você cria situações onde acontece esse tipo de encontro, você semeia algo muito positivo. Se você vê coisas boas, a chance de reproduzir coisas boas é muito maior (RODRIGUES, 2017).

Um dos resultados do projeto foi a sistematização do conhecimento aplicado durante o processo de construção dos balanços, disponível não só para os participantes das oficinas, senão para toda a comunidade virtual. Qualquer pessoa ou comunidade interessada em replicar esta ação em seu bairro ou cidade possui toda a instrumentação necessária para fazê-lo via manuais no website do Coletivo Basurama<sup>3</sup>. Após o evento, os balanços foram doados para um assentamento do Movimento Sem Terra - MST na cidade de Franco da Rocha, onde alguns estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo realizaram um projeto de extensão para a construção de um parquinho infantil com os moradores. A atuação de movimentos sociais urbanos como o Festival Baixo Centro e o Coletivo Basurama, confirmam a presença da arquitetura e o urbanismo enquanto atributos catalizadores de momentos plurais e privilegiados no espaço público, capazes de reinventar novos sentidos ao espaço e suscitar novas percepções das pessoas em relação à cidade (SANSÃO, 2013).

A articulação em rede, cada vez mais utilizada pelos movimentos sociais contemporâneos, foge do espectro da vigília e do controle social e instrui a ocupação livre do espaço e vida urbanos, com reivindicações cada vez mais plurais. Reforçam tanto o questionamento do potencial humano de ocupação e transformação dos lugares, ou seja, como nós enquanto indivíduos podemos qualificar o espaço; quanto a necessidade de revisão do processo de construção das cidades, envolvendo e criando espaços de participação ampliada onde a responsabilidade e consciência cidadã passam a ser cada vez mais presentes e envolvidas com a vida urbana. Para a arquitetura e urbanismo, a continuidade de estudos sobre a articulação e mobilização dos movimentos sociais urbanos em todas as partes do país contribui para propiciar a transversalidade de lutas e ações contemporâneas e desenvolver novas hipóteses de criação de espaços públicos. ▲

2 Dados obtidos em entrevista realizada em 06 de fevereiro de 2017 com Miguel Rodrigues, arquiteto espanhol, representante do Coletivo Basurama e participante do processo de organização do Festival Baixo Centro.

3 Acesso aos manuais de construção de mobiliário e brinquedos urbanos do Coletivo Basurama: <<http://basurama.org/textos-archivo/#manuales>>.

# Instruções

Pide 8 pneus de carro numa borracharia do bairro. Olha que o pneu não tenha arames que possam machucar as crianças. Consegue os materiais na loja de ferramentas e pede emprestadas uma furadeira, uma catraca e uma chave combinada. Parabéns! Você vai salvar 8 pneus de um final triste.



1.



O LIXO NÃO EXISTE



## REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani A. O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. Novas teorias dos movimentos sociais. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- RODRIGUES, Miguel. Entrevista concedida a Bianca Jo Silva em 06 fev. 2017.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. In: XXV Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2005, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ALAS, 2005.
- SANSÃO, Adriana. Intervenções temporárias, marcas permanentes. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

Parque de diversões Minhocão

## Balançar Eu Adoro!

Parque de diversões Minhocão

## Balançar Eu Adoro!

Parque de diversões Minhocão

## Balançar Eu Adoro!

Parque de diversões Minhocão

## Balançar Eu Adoro!

Parque de diversões Minhocão

## Balançar Eu Adoro!

Parque de diversões Minhocão

## Balançar Eu Adoro!

Parque de diversões Minhocão

Parque de diversões Minhocão

Parque de diversões Minhocão

Parque de diversões Minhocão